

④ MEDIÇÃO do
RISO FAUOXO

⑤ UNIDADE INTENSIVA
de ESCUTA

④ 1) trevafringues / exercícios vocai
bringsardos 2) QUIZ
elementos
na
3) YOGA / JOGO do SERJO
manga

⑤ 1) ascoltar ♥
2) palavras & imagens & melodias
3) FALA



Um convite para o abismo
por Daniel Gustavo
orientação de Mesac Silveira



Daniel Gustavo Oliveira Gonçalves

UM CONVITE PARA O ABISMO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura em
Teatro da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito para a
obtenção da graduação em Licenciatura
em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Mesac Roberto
Silveira Junior

PORTO ALEGRE

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Gonçalves, Daniel Gustavo Oliveira
Um convite para o abismo / Daniel Gustavo Oliveira
Gonçalves. -- 2022.
60 f.
Orientador: Mesac Roberto Silveira Junior.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Teatro, Porto Alegre, BR-RS,
2022.

1. Licenciatura em Teatro. 2. Ensino de Palhaçaria.
3. Palhaçaria Hospitalar. 4. Clown Pessoal. I.
Silveira Junior, Mesac Roberto, orient. II. Título.

RESUMO

UM CONVITE PARA O ABISMO é uma bagunça organizada das inúmeras maneiras com as quais registrei minhas experiências em palhaçaria (e/ou palhaçada), sobretudo como professor. Com a pretensão de jogar confetes sobre mim mesmo, me autorreferencio durante todo este trabalho, todinho.

Palavras-chave: palhaçaria, teatro, licenciatura, ensino.



Chamei meu Paí Bará
Ele veio me ajudar
Ele veio abrir as portas do reino dos Orixás
Laroiê Emojobá
Salve meu Paí Bará
Ele é o dono da porteira da casa de Oxalá
(Padrinho César Gyalbo)

À GUISA DE ABERTURA

Vou começar pelo fim, por uma vivência muito recente de uma viagem feita agorinha a Montevideo. Se eu escrevesse estas linhas amanhã¹, talvez o início fosse outro, e talvez ainda seja até que este texto chegue nas mãos, em todas as mãos, de quem o precisa ler.

No último dia de minha viagem de virada do ano, fui assistir a saída das comparsas, manifestação do ritmo candombe, no Barrio Sur em Montevideo. Sem dados móveis no celular, recebi as coordenadas da amiga que me hospedava e peguei o bus rumo ao outro lado da cidade. Calor, sol, vento fresco que vinha do Río de La Plata.



Assim que cheguei, percebi que o início se dava em uma encruzilhada, onde diferentes comparsas saíam das diferentes ruas que compunham esse encontro cruzado. Mulheres bailavam, em meio a sorrisos generosos, um samba que não era

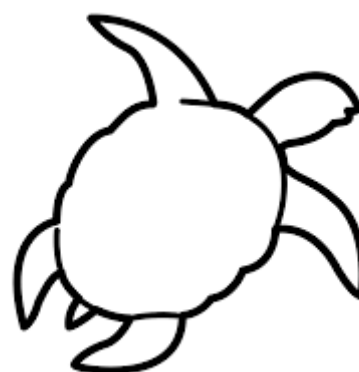
¹ Amanhã seria 03 de março de 2023 que bem poderia ser outro, pois depende de quando você, leitor(a), encontrar estas palavras.

samba e que era e que não precisava ser e que me mostrava que somos latino-americanos, sim, e nunca nos enganamos. Homens batucavam tambores ritmados e figuras particulares compunham aqueles desfiles nos quais idades, cores e tamanhos se misturavam. Abrindo os caminhos ficavam os porta-estandartes que carregavam os símbolos de seu grupo. E foi na comparsa Elegguá, siempre abriendo caminos,² que eu o vi, mais uma vez, como quem reafirma meu compromisso com o nada pronto com o tudo dado. Os guizos em seu chapéu, o sorriso jocoso e o olhar desafiador como quem diz não saio daqui a rua é minha casa e está tudo certo até que alguém tenha certeza e, então, tudo se desfaz novamente.

Mas ainda assim, há em mim uma energia apolínea que insiste em ordenar, traçar um itinerário, e tudo está bem. Acolho essa minha inclinação e exponho, à guisa de abertura, como imaginei este Trabalho de Conclusão de Curso.

Com a pretensão de jogar confetes sobre mim mesmo, vou me autorreferenciar durante todo este trabalho, todinho.

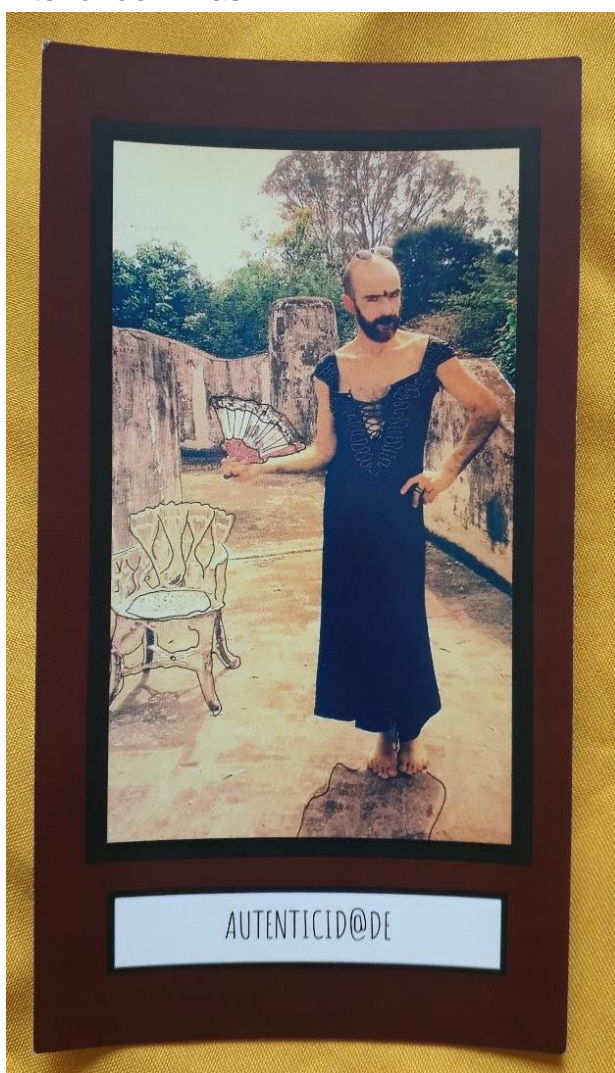
Num primeiro momento, trago minha trajetória como palhaço e, visto que concluo um curso de licenciatura, como professor de palhaçaria (palhaçada)³, ou seja, como busco transmitir o que experimento. Durante este caminho por escrito, procuro descansar em paradas que contam histórias de hospital, o mais recente lugar onde mais atuo ultimamente. As instituições de saúde são a cena que apresento na vida real, muito em consonância com minha criação em teatro cômico e político. Lá na chegada deste texto, trago os @ de muitas pessoas, lugares e agrupamentos que me fizeram/fazem ser o artista que sou. Posso considerar uma espécie de homenagem, sim, mas acrescento a esta ideia uma outra: mostrar que ninguém está sozinho quando se fala em artes cênicas. (Não) sou autêntico, mas roubartilho muita gente quando proponho, quando falo. Sou atravessado por muitas pessoas, por mestras, por mestres e por gente que me chama de mestre, inclusive.



² <https://www.instagram.com/elegguauruguay/>

³ O Programa Interdisciplinar de Formação, Ação e Pesquisa em Palhaço de Hospital, Enfermaria do Riso, que atua desde 1999 na UNIRIO traz uma definição para palhaçada & palhaçaria muy interessante. Vide print durante este texto.

Me permito, à guisa de fechamento destas primeiras palavras, fazer rápidos parênteses sobre o meu conceito de autenticidade. A artista visual e taróloga Liana Keller me fez um convite há muitos anos atrás para que eu encarnasse em duas fotos, que posteriormente viraram cartas de seus tarot: o renomado arcano Louco (que trago tatuado no baço); e o arcano inventado Autenticid@de que fala, ao virarmos sua carta, que não te preocupes em PARECER, mas, sim em SER!⁴ O Louco o fizemos no pátio do prédio de uma amiga, em Porto Alegre, e neste mesmo dia, na sala, surgiram a Morte e a Força. Já Autenticid@de surgiu num pátio também, desta vez numa enorme casa abandonada, vizinha de outro amigo que mora em São Lourenço do Sul, no interior de Minas.



⁴ Texto completo: Não te preocupes em PARECER, mas, sim, em SER! O que tu farias se só te restasse este dia e esta noite? Qual a parte que te toca nesta brevidade que é a vida terrena? Nas palavras de Clarice Lispector: “Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento”. Viver a existência como única que é & viver com profundidade o teu entendimento do que tu és. Ser singular.

Enfim (que estranho usar esta palavra no início da caminhada), há uma certa divisão neste texto. São sete cadernos que vão de 10 de julho de 2013 ao dia de hoje, da tua leitura. Mas são como casas de um tabuleiro que, ao jogar os dados, nos permitem saltar, retornar e avançar à vontade. Juro que o número sete não foi proposital.

Seja o que quiser ser
o importante é ser você
(Majur)

Iniciei uma caminhada no teatro em 1998, sempre paralelo ao curso de Letras, e, em 2008, peguei um atalho para a palhaçaria com a Melissa e a Eveliana Marques Ekin e fiquei nessa estrada desde então. Às vezes o chão é batido, quando tive experiências em lugares fora do palco, falando línguas diferentes ou arriscando interações. Mas outras vezes o chão é de concreto mesmo, acolhido pela dinâmica das cidades e das pessoas que nelas moram. As cidades adoecem. E, nos hospitais, palhaços e palhaças atuam. Um convite para o abismo é uma bagunça organizada das inúmeras maneiras com as quais registrei minhas experiências. Há um tempo resolvi ampliar, imprimir e plastificar a imagem do Louco de Waite, do baralho que leva o nome deste autor, para mostrar nos cursos e nas oficinas que promovo como eu tento entender a ação improvisada do palhaço⁵ que carrega consigo um frescor, mas veste o peso do ensaiado. Já diria Thebas em seu *Ser bom não é ser bonzinho*:

Disposição para o risco

Palhaços são improvisadores por natureza. Ao contrário do senso comum, que associa improvisar a fazer de qualquer jeito, é preciso muita escuta e consciência sobre o seu repertório para que o improviso não seja “fazer qualquer coisa”. Improvisar é ter a capacidade de escutar as contingências do momento e alocar o que parece ser adequado do seu repertório para aquele instante único e específico.

Ao entrar em um quarto de hospital, por exemplo, carrego em meus bolsos, na maleta a tiracolo, mil possibilidades e é bom usá-las de maneira fresca. Uso e reuso e não me entedio, pois não há tédio quando há escuta. Evoco a imagem do tarrafeiro, o pescador que lança a rede e aguarda. O palhaço lança o olhar e reage ao que recebe com (ou sem) seus truques de bolso, *tascabili*. Foi assim que aconteceu, certo dia, no refeitório do hospital. Vou contar como foi.

⁵ Como sou ele, homem cis e gay, vou manter a palavra no masculino, mas não como termo genérico da categoria, apenas como eu mesmo, pessoa que escreve. Muitas são as palhaças que merecem reverência. Duas, inclusive, foram minhas primeiras mestras (Mel & Ekin) e, não muito após, várias se sucederam...evoé!

A GALINHA DESCABELADA

Um longo corredor transparente liga os quartos e UTIs até o refeitório. Entrou pelo tubo, cantarolando sua musiquinha preferida e chegou na porta. Algumas pessoas, sentadas em frente, aguardavam o início do almoço. O palhaço chega, interage, mas mantém o foco lá dentro e entra efetivamente. De início, surge o primeiro obstáculo: uma grande porta metálica com duas catracas no meio. Preciso de crachá? Não, pode entrar, respondem funcionários e funcionárias. Ele tenta, mas algo apita. Tenta mais uma vez e mais uma e fica ali até sentir que a graça existe. Quando a sente fraquejando, entra definitivamente e lembra que alguém lhe disse pelos corredores que naquele dia o almoço seria galinha descabelada, nome abrigado para *fricassée...très chic!* Parou, olhou para o buffet exposto, tendo a preocupação de chamar a atenção de todo o pessoal da cozinha que já comia e olhava o celular. Gente, eu quis comprovar: hoje tem galinha mesmo? Todos e todas afirmaram, alguns mostraram seus pratos cheios e o palhaço tremeu. Olhando para dentro de sua maleta, apresentou o conflito. Minha franga, a Jurema, tá paralisada aqui dentro. Ela só queria confirmar se é galinha mesmo e não franga, uma irmãzinha e coisa e tal. Risos e apostas. Franga, galinha, pinto...enquanto isso Jurema berrava dentro da maletinha a tiracolo. Por fim, o palhaço cede aos pedidos e tira o animal de borracha lá de dentro, tendo, claro, a preocupação de fechar seus olhos e esperar o momento preciso para revelar o prato do dia. Ninguém lembra exatamente como terminou a situação, mas quem contou mais pontos foi a preparação, desde a passarela transparente até as mesas. O palhaço volta pelo mesmo caminho. Desta vez canta



*Chiquitita, tell me what's wrong
You're enchained by your own sorrow*

A canção lindamente executada no mais autêntico *enrolation*.

(...) i fatti salienti scivolano
lungo il filo degli anni
come valigie sul nastro di un aeroporto;
li prendi, li metti sulla pagina ed è fatta. ⁶

CADERNO UM

Em 10 de julho de 2013, fiz uma estreia do processo de montagem do monólogo clown, O Homem Mais Sério do Mundo, em Canela na Maratona de Monólogos. Eu era também jurado e oficinaireiro no mesmo festival. O HMSM, como gosto de chamar de um modo afetuoso e prático, veio a ser a escola mais contundente que tive, pois me permitiu o contato com públicos diversos, com centenas de crianças, adultos muitos e diferentes países por supuesto. Nosso primeiro ensaio, Melissa Dornelles e eu, foi na Redenção, à beira do lago. Sei exatamente a data deste festival, pois conservo cadernos de minha prática como palhaço professor e em cena desde então. São sete cadernos até agora. Juro que o número cabalístico não foi proposital. Mas o que eu me lembro desta ocasião é o palco extremamente escuro e enorme (em outros momentos da caminhada também vou me deparar com esse vazio) e eu ali, paradinho, no meio, com meu projeto de cenário em uma arara e uma luz que incidia acolhedora, buscando fechar a cena sobre mim. No dia após, em minhas anotações, vejo que dei uma oficina e lá, há 10 anos, já promovia um aquecimento que uso até hoje. Imagine, leitor e leitora, lápis de cor que saem de diferentes partes de seu corpo e pintam o espaço!

A verdadeira estreia, no entanto, deu-se na Casa de Cultura Mário Quintana, em agosto de 2013 na sala Lili inventa o Mundo. Ao final da temporada de quatro finais de semana, anotei em meu caderno: as marcas sujas pelo chão mostram que não te pertence aquele local e que no próximo final de semana outros o ocuparão. Ou ainda: como dar limites à criança que te pergunta NÃO VAI FALAR ou àquela que cruza a cena em busca da mãe? Neste mesmo ano, em um taller em Buenos Aires, entre uma turma gigante fizemos uma dinâmica que consistia em enfrentar uma outra pessoa, vociferando os palavrões e insultos mais agressivos capazes de sair da tua boca. Pela

⁶ “(...) os fatos salientes deslizam pelo fio dos anos como malas sobre a esteira de um aeroporto; você os pega, os coloca sobre a página e pronto”. Tradução livre de trecho do livro *Storia del Nuovo Cognome* de Elena Ferrante.

primeira vez, visitei uma porção do palhaço que não fosse a meiga direcionada às crianças e, ainda pela primeira vez, falei exclusivamente em português em meio a tanto castellano. Mais tarde, num futuro bem próximo, o espanhol entraria em meu repertório.

Em outubro deste mesmo ano no sítio da Mel, fiz meus primeiros esboços sobre aquilo que seria o projeto pedagógico do espetáculo, pois como educadores nos preocupávamos com que as crianças chegassem no teatro preparadas e saíssem motivadas a reverberar o que viram. Em uma lista, com caneta verde, sete pontos estavam listados: cara de peixe, corpo de zebra; texto Arnaldo; aula biologia; animações com animais; dedoches – Genifer [a Gerhardt que trabalha muito com dedoches e encontrei dia desses numa sinaleira, eu na bici e ela na calçada sob o calor abrasador de Porto Alegre]; desenhos animais com asas; área da saúde. Impressionante é observar como muitos pontos conservaram-se lindamente transmutados. Mais adiante, em anexo, vai o projeto pedagógico já devidamente atualizado.

A ida ao teatro é extracotidiana em relação à rotina escolar. Mas ela pode ser transformada em oportunidade para criar uma situação de ensino/aprendizagem, na qual a descoberta e a construção de conhecimento estejam presentes, através da preparação antes da ida ao teatro e na volta à escola.⁷

2014 e 2015 foram outros dois anos contemplados por este caderno que traz em sua capa o ursinho Puff e seu eterno companheiro Tigrão. Lá em 2008, quando me batizaram Tigrão, aceitei a denominação e a acolhi com cuidado. Hoje eu o sou, ainda que não saiba explicar exatamente o porquê. Eu sou na medida em que aconteço, faço, interajo. Em seu livro, Jesus Jara diz que o clown é um navegante das emoções e não é que navegando estas páginas, encontro os exercícios que o Ésio Magalhães nos passou durante seu curso imersivo em Campinas. No mergulho na menor máscara do mundo, passamos pelas emoções, pela porta do espanto, pela mesa do desejo, pela escada da alegria, pelas roupas da tristeza, pelo buraco do medo, pela espiral da cólera e pelo veículo do amor. Neste parágrafo, dedico um pouquinho de atenção aos sentimentos que a(o) palhaço(a) manifesta como um todo corpo/voz e lembro, já na pandemia de COVID, o quão importante é deixar que as emoções sejam vividas, ainda que algumas sejam taxadas como negativas, em sua

⁷ KOUDELA.

plenitude. Desta maneira, tive a oportunidade de vivenciar o medo e a curiosidade em dois reels, a convite da Multivozes na Escola e em parceria com a ONG Doutorzinhos. Dá uma olhada na nossa leitura sobre a curiosidade:

https://www.instagram.com/reel/CKeMHPRAxq8/?utm_source=ig_web_copy_link

e no olhar que lançamos sobre o medo:

https://www.instagram.com/reel/CKEL_yZAWuN/?utm_source=ig_web_copy_link

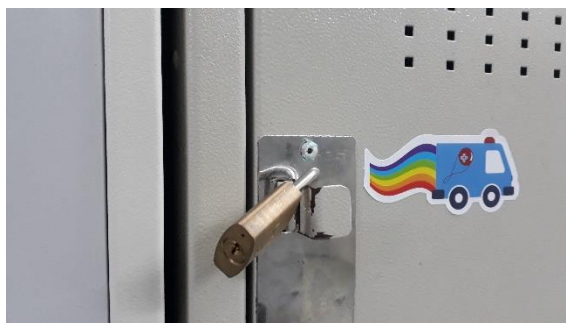
Fechando a brochura de quarenta e oito não totalmente ocupadas páginas, registro minhas duas primeiras funciones em español em Banfield, perto de Buenos Aires, e na segunda apresentação, com o palco invadido pelas crianças, experimento aquela e agora já conhecida sensação/emoção do caos, da falta de controle, do leve desespero e das risadas de pais e responsáveis que encontram alívio em ver o palhaço na cova dos leões (no caso eu, Daniel) e por alguns minutos liberarem-se da responsabilidade de ter as crianças sob a sua atenção. Em muitos outros momentos do caminho, pegarei um atalho nesta experiência, mas cada vez mais abraçando o caos e andando de mãos dadas com ele. Vivência roubartilhada com uma dupla voluntária da ONG que, durante a pandemia, precisou realizar intervenções on line para um grupo de jovens com deficiências do Pertence Cultural. Abraça o caos e confia que não há certo, assim como não há errado. *Se dormió, como te llamás, vuela pinguinito e tenga el papel así, por favor* foram algumas frases memorizadas para *interactuar con los niños*.

E por falar em caos, trago um dos meus, bem recente:

É DIA DE FESTA E EU VEIO SAUDAR...

...a minha mãezinha, a Rainha Iemanjá. Feriado de 02 de fevereiro em Porto Alegre. Ônibus com passe livre. Desci a avenida, no velho calor, para mais uma visita ao hospital. Neste dia, confesso, não estava com ganas de realizar uma super performance. Acontece. Às vezes se está cansado, outras vezes sua unha tá encravada e muitas vezes é tristeza mesmo. Já na entrada dos funcionários, pela rua lateral, avisto sobre o tapete várias baratas moribundas, bêbadas e desesperadas. Questiono o pessoal da portaria sobre o acontecido e dedetização de rotina foi o que recebi como resposta. Fato é que não gostei da recepção, mas subi as escadas e adentrei o vestiário assim mesmo.

Ainda com calor, me sentia irritado em como preciso cuidar de tantos detalhes antes de iniciar a visita. São muitos bolsos para tantos objetos: um mini tubarão, uma xícara vermelha de plástico, pequenos envelopes



com adesivos, um porco de borracha e por aí a lista cresce. Estava incomodado e basta. Ao sair para o corredor, após dar o banho habitual de álcool gel em meu porquinho, o Toddy, avistei na curva do corredor as outras duas doutoras palhaças que atendem o mesmo hospital. Pensei em uma fração de segundos como assim elas estão aqui também e eu não sabia mas que sorte encontrá-las aqui para que eu possa saber quais setores não preciso ir hoje. Olhei para suas caras e não gostei de como estavam maquiadas, pensei resolveremos tudo em nosso próximo encontro de treinamento. Iniciei por uma UTI onde facilmente te dizem que não vale a pena ir, pois os pacientes estão desacordados, em coma, e não podem reagir às tuas propostas. Havia um paciente desperto e muitas enfermeiras e alguns enfermeiros. De público não poderia reclamar. Depois que coloquei minha franga para cantar, obtive muitas risadas e percebi que o paciente que, até então estava em plena interação, começou a se sentir mal. Não soube lidar com a dor, assim tão exposta a minha frente, eu não soube. Dei um jeito para sair, ao som do dueto franga & porco, e me dirigi para o térreo. Lá, sim, muitos desafios te aguardam.

Muita gente acidentada talvez pela loucura, pelo frenesi de estar em feriado e perder a noção da fragilidade de seus corpos. Talvez por isso, quem sabe. Mas eu não estava no meu melhor dia e resolvi passar de maneira mais dinâmica por toda aquela gente, mas não completamente, claro. Promovi em uma das recepções a mágica da xícara e meia, argumentando que sou especialista em esperançologia, a ciência do esperar. De dentro da xícara eu puxo uma meia de listras amarelas. Ao voltar para o vestiário, encontro a porta de meu armário semi-aberta, ainda com o cadeado resistindo bravamente e penso em arrombamento, tentativa de. Desisto da ideia e parto à procura de outro armário disponível. Encontro e faço a mudança, aproveito para levar para casa alguns objetos há muito em desuso: uma buzina de bicicleta, um sapinho de madeira, um par de óculos sem lentes, enfim. Pergunte-me para que servem estes objetos todos e podemos, talvez, continuar a analisar mais um dia de hospital para um humano irritado.

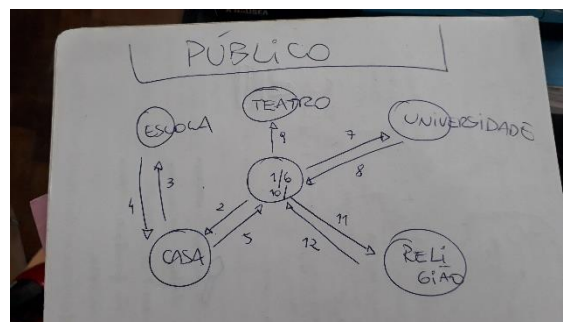
CADERNO DOIS

Não se preocupe em entender,
viver ultrapassa
todo o entendimento
(Clarice Lispector)

Em suas primeiras páginas, faço um esquema tipo brain storming e no centro escrevo “corpo do palhaço”. Hoje em dia não escreveria assim. A discussão sobre gênero avançou tanto que eu certamente colocaria “palhaç@” ou “palhaço e palhaça”.

A questão que parece se impor, então, não é sobre performar o que é dado como feminino ou fora dele, mas como esses padrões ou o tensionamento deles geram ou não reconhecimento de si e do outro. É interessante apontar como a figura da palhaça possibilita à artista explorar diferentes formas de performar a si a partir da performance da palhaça, evidenciando a desestabilidade dos padrões de gênero.⁸

Mas ao redor deste termo listei 10 princípios que considerava importantes para alcançar o tal corpo: imaginação, mudança no corpo, ponto de força, tensão, olhar, vazio, ser vs parecer, dança das emoções, respiração e criança. Essa foi a preparação para uma intensa oficina que ministrei por cinco noites da mesma semana. Basicamente minha primeira turma de formação em palhaçada, acredito. Aconteceu na Cômica Cultural. Interessante observar que até hoje eu invisto nestes princípios, insisti muito, aliás, com o olhar em meu recente estágio (anexo) no ensino fundamental do Colégio de Aplicação com uma turma de adolescentes do 9º ano. Difícil aplicar o currículo para quem está ali não exatamente por vontade própria, mas estes foram novamente novos parênteses, argumento para outro trabalho acadêmico.



Vale muito mencionar um atravessamento ocorrido nesta época, o 2015, quando fiz, na Argentina, o *taller retiro* de Sergio Mercurio *Cinco principios para un comienzo* no qual a ideia era organizar-se enquanto artista para dar a largada em um

⁸ FUCHS.

novo projeto de criação. Decididamente não iniciei nada durante aquela semana, mas esbocei muita coisa, inclusive um esquema que não faço muita ideia para o que servia, e fiz amizades que perduram até hoje e com quem viajei pela América, especificamente em Guayaquil no Equador, vivenciado vinte e cinco dias de atuação intensa em palhaçaria na rua, no hospital e em salas de teatro. A essa experiência chamamos Los Gauchitos (um gaúcho e *dois gauchos argentinos*) e o carro que os levou continente acima se chamava Gauchito Shiva. Foram muitos dias e encontros de preparação onde pude vivenciar a cultura argentina e sua falta de frutas que só conhecemos aqui no Brasil.

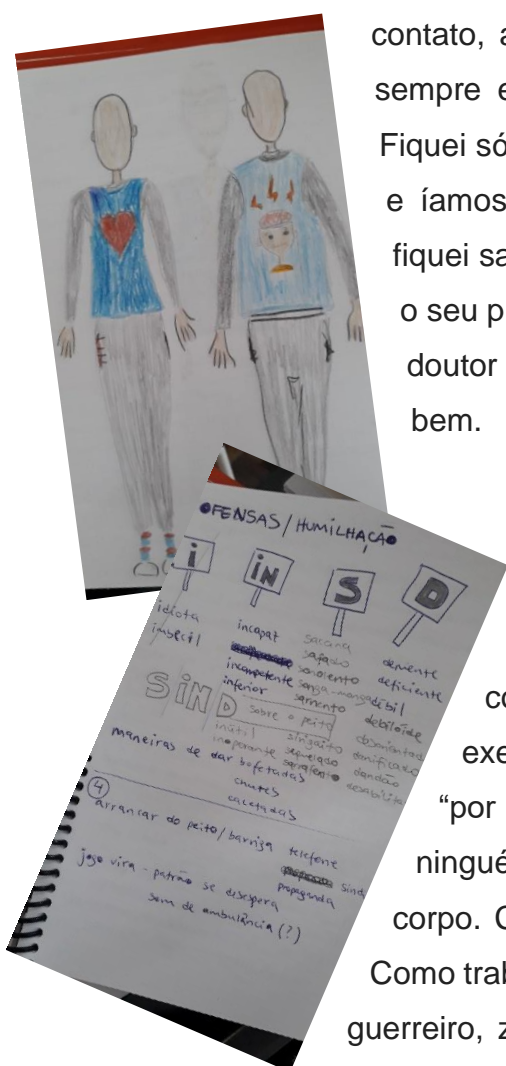


Nesta época, desenvolvemos junto ao Grupo Trilho de Teatro Popular, do qual fui um dos fundadores, a Saída de Emergência que consistia basicamente num aquecimento e sensibilização coletivos em sala e uma saída, com narizes vermelhos, pela rua, buscando interagir com as pessoas de maneira mais sensível e reagir aos estímulos que por ventura surgiam a partir destas pontes criadas. Nesta semana, eu que escrevo estas palavras, promovi uma saída com um grupo que me convidou para fazer a preparação palhaçística do elenco. É incrível observar como este tipo de dinâmica consegue despertar o respeito e sensibilidade necessários para portar a menor máscara do mundo, o nariz vermelho.

CADERNO TRÊS

Peregrino en el encanto abominable de las formas,
mensajero de lo esencial, es decir de mí mismo.
desdeñando los ensueños del pensar
hago de todos los caminos mi camino
(Alejandro Jodorowsky)

Em 2011 nos aventuramos no hospital. Já pesquisávamos em sala há um bom tempo e era hora de adentrar a oncologia infantil do Conceição. Por meio de um contato, aluna de italiano, iniciamos visitas periódicas. Eu sempre estive, mas muitos e muitas passaram por mim. Fiquei só, em dupla, em trio, em grupo, sozinho novamente e íamos como “palhaç@s visitantes”. Muito mais tarde fiquei sabendo que a Ana Wuo usa este termo para definir o seu próprio trabalho, ou seja, não se assume a figura de doutor ou de doutora, não há o uso do jaleco e está tudo bem.



Mas a introdução acima foi apenas para dizer que graças ao hospital, iniciei uma jornada mais aprofundada (para não dizer abismada), sendo o olhar de fora para outras pessoas; e também na condução de cursos e oficinas. No ano de 2016, por exemplo, montamos uma rápida esquete intitulada “por favor, desliguem seu celulares”. Lembro que ninguém entendeu nada, mas observaram a presença do corpo. Caiu uma ficha aí: corpo não dissociado da alma. Como trabalhar a alma também? Meditações do coração, do guerreiro, zazen invadiram minhas práticas na tentativa do silêncio, do jogar a tarrafa sobre o ambiente e pescar o que te convém, aquilo que gera interação genuína e não invasiva.

O Homem Mais Sérioo do Mundo já defendia sua tese por todas as partes, em escolas, em bares, improvisado, numa mala, com figurino outro. E na esteira desta disponibilidade toda para o risco, surge uma parceria com o SindBancários de Porto

Alegre. Um convite para realizar uma série de intervenções nas agências bancárias da cidade e da grande cidade. Intervir diretamente no real era o que eu queria e ainda o é. A cena no teatro é maravilhosa e necessária, mas é na vida acontecendo que a intervenção palhaça assume a devida forma para mim. A cada agência uma nova configuração com o mesmo roteiro. Me encantaria viver exclusivamente como palhaço interventor de hospital, em bancos, pelas escolas, pagar as contas intervindo diretamente no cotidiano doente e machucado das pessoas. O caderno servia para todos os registros e preparações e sempre funcionou como um porto seguro, onde não há a necessidade de guardar tudo na memória, mas delegar ao objeto todo o necessário em esquemas, em divagações.

Em dois de setembro de 2016 escrevi o seguinte texto sobre nossa experiência com os bancários, que depois espalhou-se em algumas outras intervenções contra Temer, e pelo dia da Consciência Negra também:

Reproduzimos alguns estereótipos sobre a figura do palhaço. É o senso comum. Muitos carregam em si um certo medo dessa figura estranha que mistura o que gostaríamos de acreditar que somos & o que queremos esconder. Há um misto de respeito, contemplação e estupor diante de uma criatura que, atrás de uma pesada maquiagem/ máscara branca, mais esconde do que revela. Mas não é sobre esse palhaço que queremos falar...Num segundo e concomitante plano, os significados popularmente constituídos de “não me faça de palhaço” ou “isso aqui tá uma palhaçada”, que colocam essa figura na condição de idiota e ludibriado, alimentam os usos sociais limitados de um arquétipo sagrado. Tudo bem, as palavras possuem esse direito de serem alargadas em seus significados, mas o nosso intuito é defender o valor da séria palhaçaria.



Outras duas experiências me atravessaram neste mesmo período deste mesmo ano. Fiz algumas experimentações em gênero e, a partir da oficina com uma palhaça portuguesa e do encontro com um vestido, iniciei uma cena para dar vida à Tigra, versão outra do Tigrão? Apresentei a cena em três ocasiões, numa queermesse no Departamento de Arte Dramática, no palco de um encontro de circo e num cabaret num bar da cidade. Esta primeira experiência foi muito bem sucedida, era o único palhaço num evento de palhaças e ali deu certo. No DAD, havia pessoas trans no público e me dei conta dos territórios que

estava pisando, criei uma devida sensibilidade à discussão de gênero, apesar de que não tenha suscitado nenhuma animosidade, ao contrário, alguém comentou sobre a maneira infantil com que abordava a troca de figurinos, do paletó ao vestido. Esta caminhada específica gerou outro percurso que chamei de Armário, o desenvolvi em algumas disciplinas da Universidade e quero deixá-lo nos anexos deste trabalho. Deixei conta do quão traumatizante é a saída do armário e como os atravessamentos se dão na palhaçada.

A outra vivência foi na Tekoá Pindó Mirim em Viamão. Por meio do convite de uma amiga, realizei a apresentação de uma versão do espetáculo para as crianças e adultos da etnia guarani. Deixa eu escrever aqui algumas impressões que anotei na época.

Afastar-se da cidade gera uma nova sintonia. É diferente só prédios e só árvores e/ou casas.

Houve respiro, apesar do atraso, pois o palhaço se maquiou na frente do público e o surgimento do nariz foi apenas mais um ato de preparação.

Um bugio assistiu atento do telhado, entre as palhas. Fixava seus miúdos olhos negros em minha figura.

Deixar os elementos cênicos sobre a terra me dava uma tímida vontade de limpar, sacudir a terra. E foi o que eu fiz com os sapatos. Fui lá fora, onde estavam alguns adultos, e bati um sapato contra o outro. O bugio, o tatu e a cobra coral vão voar!

Há ainda muitas anotações sobre as atividades da Clownperativa. Palhaças e palhaços em cooperação juntaram-se para um apoio mútuo, procurando atender a demanda de intervenções em empresas, sempre sob a ótica clownesca. Até hoje existe o grupo, menos articulado, mas ainda



conservando a essência de dar trabalho, com cachê óbvio, para artistas que atuam no campo da palhaçaria. O aqui e o agora se adaptam aos diferentes contextos. Escutamos as necessidades de quem nos contrata e preparamos algo bastante dirigido, exclusivo.

CADERNO QUATRO

Desfaze-te da vaidade triste de falar.

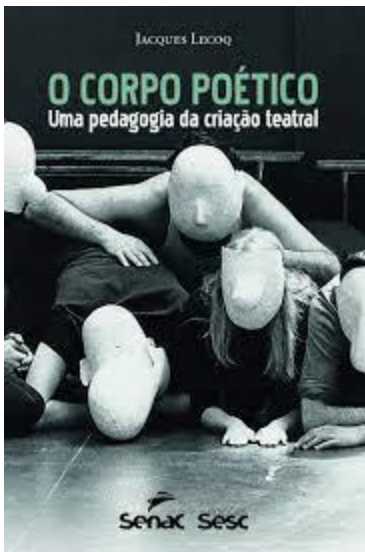
Pensa, completamente silencioso.

Até a glória de ficar silencioso,

Sem pensar

(Cecília Meireles)

Ao abrir este de capa laranja, me deparo com a fotocópia (não queria escrever xerox) do capítulo 8 do livro de Burnier, o clown e a improvisação codificada, e vejo que há algumas palavras/expressões evidenciadas em rosa. São elas: gag, lógica individual, sua personalidade, trabalho mais pessoal. São estas as palavras que



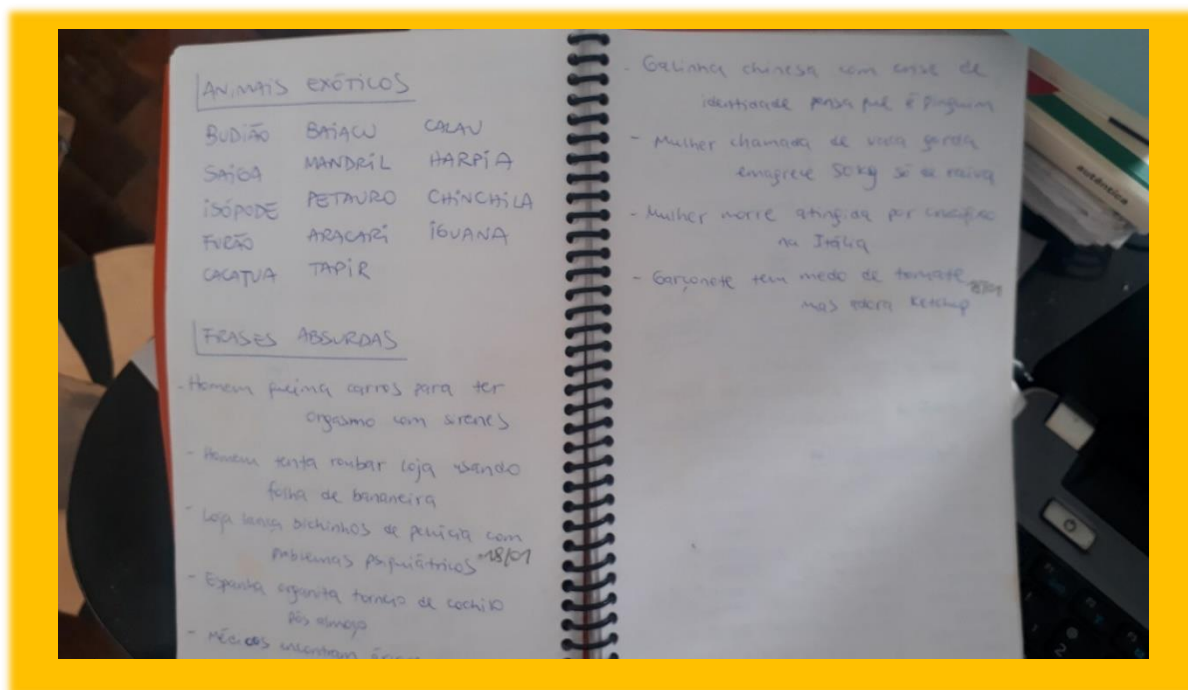
resumem a linha de pesquisa que sigo até hoje: o clown pessoal. E com frequência gosto de usar a imagem de uma lupa de aumento que colocamos sobre a personalidade da pessoa, como forma de enaltecer suas virtudes e capacidades, mas, também, seus defeitos. Há um outro texto, do Lecoq, que usa escancaradamente esta expressão, porque é único mesmo. Não há ninguém igual a você neste mundo! Nunca avancei pelas páginas deste livro, nunca fui para trás ou para frente, mas costumo vez em quando referenciar apenas este capitulozinho que

resume toda uma filosofia didática para conduzir encontros de palhaçada. O frescor que tento sentir ao lapidar o que de genuíno habita em cada pessoa, me permite, sempre, (re)inventar caminhos no calor da hora. Estabeleço roteiros e desvio deles, voltando para a estrada principal no final. Mais uma vez compartilho um abismo com as pessoas que confiam no meu trabalho. Durante a queda improvisamos.

No final de 2017, inicio minha caminhada com a ONG Doutorzinhos, experimentando, em um primeiro momento, algumas clownsultas. São encontros coletivos onde várias duplas se encontram, se conhecem e experienciam juntas. Nesta época, eu era bastante exigente com o uso ostensivo do corpo em detrimento da palavra e até exagerava um pouco,



abusando da figura do Monsieur Loyal⁹ para extrair, por meio da opressão, o jogo e a disposição que eu gostaria de alcançar em cada voluntário e voluntária. Mais tarde percebi que não posso demandar de pessoas comuns, que não vivenciam artisticamente seu corpo, uma super disposição corporal. De qualquer maneira, iniciei a fazer práticas que buscassem a (não) lógica e, para tanto, usei e abusei de animais exóticos (mais tarde o tarot xamânico) e de frases absurdas que pudessem levar a



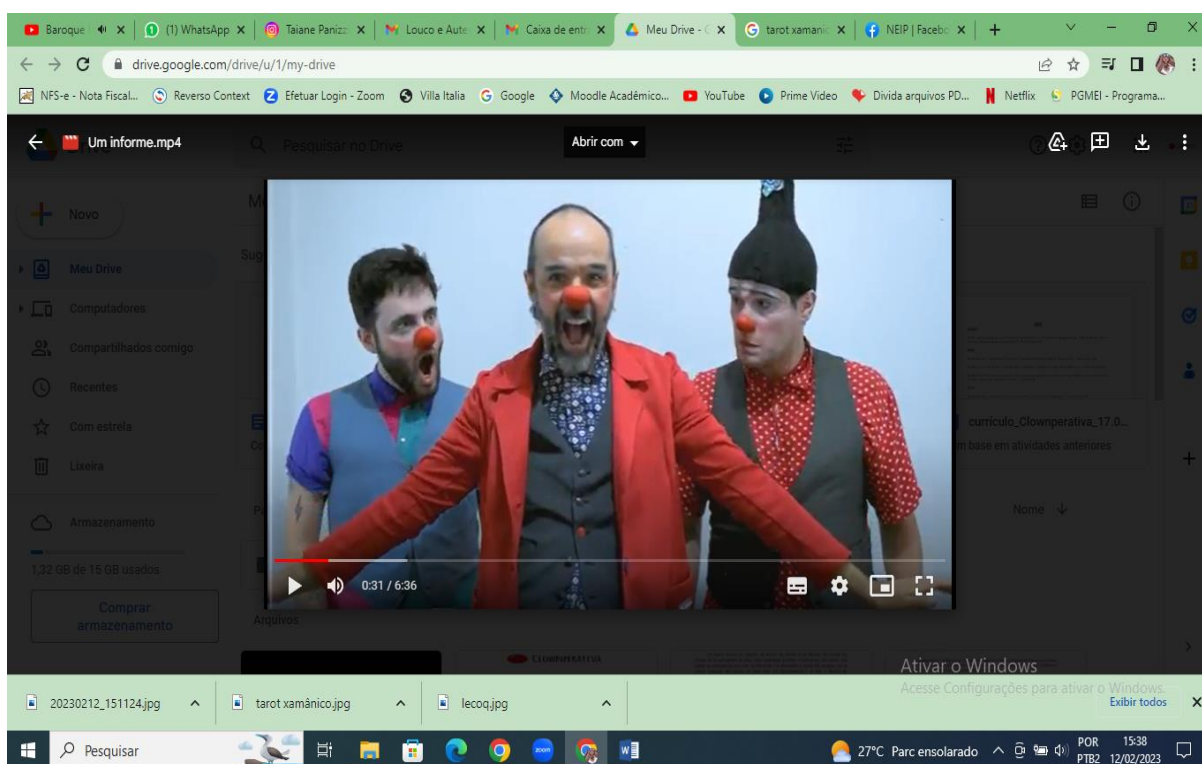
lógicas outras. Na esteira desta prática, me afeiçoei muito às obras do Arnaldo Antunes e do Manoel de Barros. Durante a pandemia, por exemplo, usei muito Elizabeth no Chuí para aquecer palhaços e palhaços através das telas de uma plataforma de encontros. Escuta e me diz se não é perfeita para aquecer a (não) lógica: <https://www.lettras.mus.br/arnaldo-antunes/91609/>

Já no ano seguinte, começo a oficialmente atuar na ONG. Minha função, além de ser doutor palhaço voluntário no Hospital de Pronto Socorro, era (é até hoje) a de encontrar voluntários e voluntárias e promover EDs (Encontro de Duplas) que, às vezes são ETs (Encontros de Trios). Passo, então, a desenvolver abordagens para pequenos grupos em sala por duas horas. Num misto de escuta e trabalho corporal, adapto minha vontade louca de pirar o cabeção com as possibilidades que cada dupla

⁹ A versão feminina é a Madame Loyal. Na tradição europeia clownesca, seria a figura que é dona do circo e, para selecionar palhaços e palhaços para atuarem no espetáculo, assume uma postura opressora. É uma persona criada por quem conduz o encontro, um jogo estabelecido entre o grupo.

oferece. Paralelamente, a atuação da Clownperativa, falsa cooperativa, toma corpo e estendemos nossa presença para empresas que queiram contratar o serviço de palhaços. Nos adaptamos às demandas das empresas num misto de útil e agradável. Inúmeras foram as vezes que atuei também em parceria com a Rita Barboza, palhaça e psicóloga, no núcleo fundado por ela, o NEIP <https://www.facebook.com/neippp>, realizando intervenções riso-clínicas em diversos ambientes e situações.

O isolamento pandêmico que veio anos depois, proporcionou, ainda, encontros e produção de vídeos. Compartilho aqui (a título de parênteses) a reunião entre três palhaços para gravar e editar vídeo que concorreria a um festival de vídeos cômicos online. Não fomos selecionados. Acredito eu que o vídeo tenha ficado demasiado político e contestatório, pois fazia alusão direta ao desgoverno da época. Ficou lindo, porém:



Ancora nello stesso anno, più precisamente a luglio, sono andato in Italia a Perugia per fare un corso d'aggiornamento per insegnanti d'italiano all'estero e durante questo mese ho fatto un salto in Puglia, a Lecce, per impartire un corso di clown eppure fare una presentazione tascabile del mio spettacolo L'Uomo Più Serio del Mondo. Tutto è stato possibile grazie a Emma, l'ho conosciuta attraverso un amico che avevamo in comune, però ci siamo visti per la prima volta soltanto in Italia. Lei aveva (ha ancora forse) uno spazio che si chiama Spazio Disponibile e lì ho potuto soggiornare e fare la versione italiana del mio corso (purtroppo solo per due ragazze) Gioca al clown! È stata un'esperienza indimenticabile, cioè mescolare due piaceri: l'italiano e il pagliaccio. Sul quaderno vedo che



mi sono veramente preparato e ho organizzato una serie di parole ed espressioni che mi sarebbero state utili. Eccone alcune: la più piccola maschera del mondo, libertà con responsabilità, lente d'ingrandimento, pesca a strascico, triangolazione, meno è più ecc.¹⁰

¹⁰ No ha sido la primera vez que he tenido experiencias escénicas en otras lenguas. Ecuador, Chile, Argentina y Uruguay fueron también escenario para mis payasadas.



MEU
TRABALHO
É COMO
PLANTAR
UMA
OLIVEIRA
... LEVA
TEMPO PRA
CRESCER

A VIDA DE
UM **AUGUSTO**
GARIMPEIRO

Eu não
sei dizer nada
por dizer, então
me escute...
se você disser tudo
que disser...
quiser

BRANCO PAI
TONI
ESPÍRITO
SANTO
FILHO

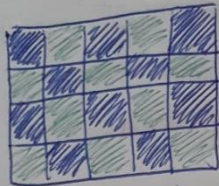
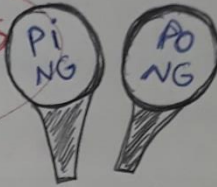
- Alex
- Karen
- Lucas
- Isabela
- Victor
- Isabela
- Victor
- Isabela
- Isara
- Isara
- Luiza
- Flávia
- Renata
- Oscar
- Luiz
- Conça

GATO e RATO

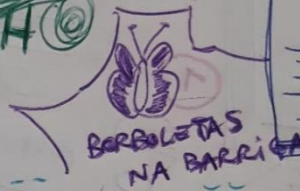
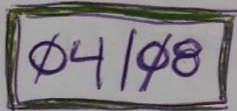


VULNERABILIDADE (sem visão)
INESPERADO (foge da lógica)

NOS SOMOS CONTINUADORES
DE IMPULSOS



A mala pronta com troupe com o público
o espírito brincalhão



BLÁ

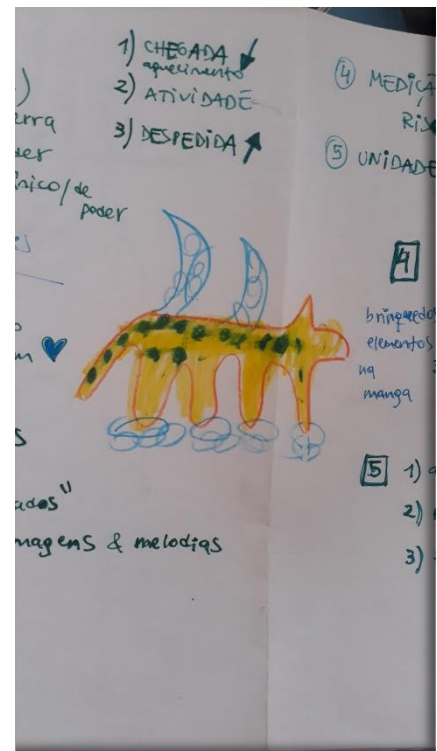


TRÊS
QUALIDADES

CADERNO CINCO

Eu não sei dizer nada por dizer
Então eu escuto
Se você disser tudo o que quiser
Então eu escuto
(Secos e Molhados)

Nada e ninguém ficou de fora da pandemia que atingiu com maior intensidade o mundo nos anos de 2020 e 2021. Desta maneira, nós, na ONG Doutorzinhos, tínhamos que nos adaptar ou não pagaríamos as contas. Incontáveis foram as reuniões para estruturar intervenções online que pudessem manter a qualidade de nosso trabalho. Resolvemos, pois, iniciar com uma campanha em plataforma de arrecadação de fundos para promover interações com os profissionais da saúde em outra plataforma de encontros/reuniões virtuais. E assim o fizemos. A ideia era levar descontração e leveza para quem estava na linha de frente do combate. Logo no início deste caderno, duas folhas grampeadas, mas soltas em



relação ao restante, traziam ao centro o desenho amarelo de um animal voador¹¹ com anotações que preparavam o tipo de intervenção que faríamos a partir de nosso repertório (vide citação do Thebas em algum lugar deste texto maior). Gostaria de reproduzir aqui como encontrei estes apontamentos. Como saem coisas ao chutar as palavras a seguir:

4 JOGO DO SÉRIO

4 QUIZ (em equipes)

grito de guerra

¹¹ No espetáculo O Homem Mais Sério do Mundo, o palhaço Tigrão, para defender sua tese de que todos os animais querem voar e sonhar, pede ajuda para que as crianças desenhem seus animais preferidos com asas. Durante muitos anos, conservei todos os desenhos feitos ao longo dos anos. Quando me mudei pela última vez, resolvi fazer uma seleção. Ao virar pó, ficarei apenas lembrança mesmo.

gesto de poder

objeto xamânico /de poder

ACOLHIMENTO (?)

queixas, lamentações

5 PIM/SILÊNCIO

escutar (ascultar) o coração de cada um ♥

4 EXERCÍCIOS VOCAIS

FACIAIS

travalínguas

5 FALA 🎵 “Secos e Molhados”

5 JOGO: palavras & imagens & melodias

4 YOGA DO RISO [aqui deixo link de vídeo sobre que muito me acompanha até

hoje em minhas aulas

<https://www.youtube.com/watch?v=LYoC4EbU91Y>]¹²

4 MEDIÇÃO do RISO FROUXO

5 UNIDADE INTENSIVA de ESCUTA

4 1) travalínguas/ exercícios vocais

2) QUIZ

3) YOGA / JOGO do SÉRIO

brinquedos, elementos na manga

5 1) ascultar

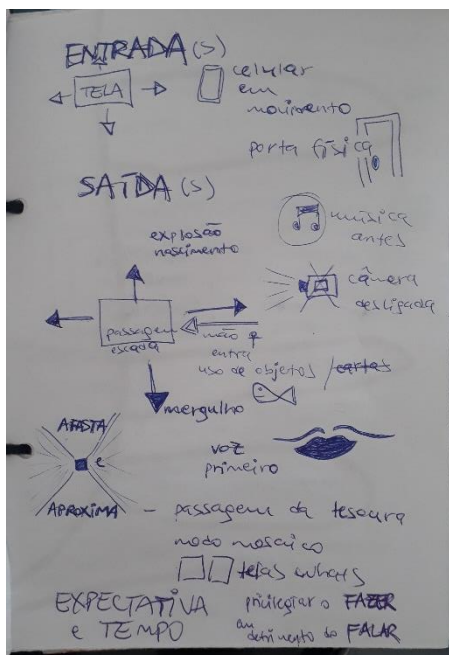
2) palavras & imagens & melodias

3) FALA

Com uma das voluntárias da ONG, em comum acordo com a coordenação, resolvemos empreender as visitas virtuais para os pacientes que se encontravam nos hospitais. O Hospital São Lucas topou a empreitada e a Marília Schmitt, a Dra. Miloca, foi minha parceira. No início tínhamos a intermediação de um dos profissionais que carregava o celular até chegarmos a uma modalidade de visita virtual, e paralela à primeira, na qual ligávamos para o whats das pessoas e atuávamos para a telinha tripartida do celular: eu, a outra palhaça e o/a paciente. Muitas foram as técnicas criadas e que dialogavam com a realidade virtual como, por exemplo, travar o corpo para brincar com a conexão ruim. Nesta mesma época, criou-se um grupo whats,

¹² Estes colchetes e seu conteúdo não estavam presentes nas folhas soltas.

Pandalhaços, com pessoas da palhaçada de todo o Brasil. Durante algum tempo reuniões foram feitas, mas com o tempo ficamos apenas como possibilidade de troca de material. A última publicação no grupo, de Vera Abbud [não sei quem é], foi em 30 de agosto de 2022 e dizia: “olá, amigos. Em SP se puderem compartilhar” referindo-se a um evento que aconteceria naquela cidade.

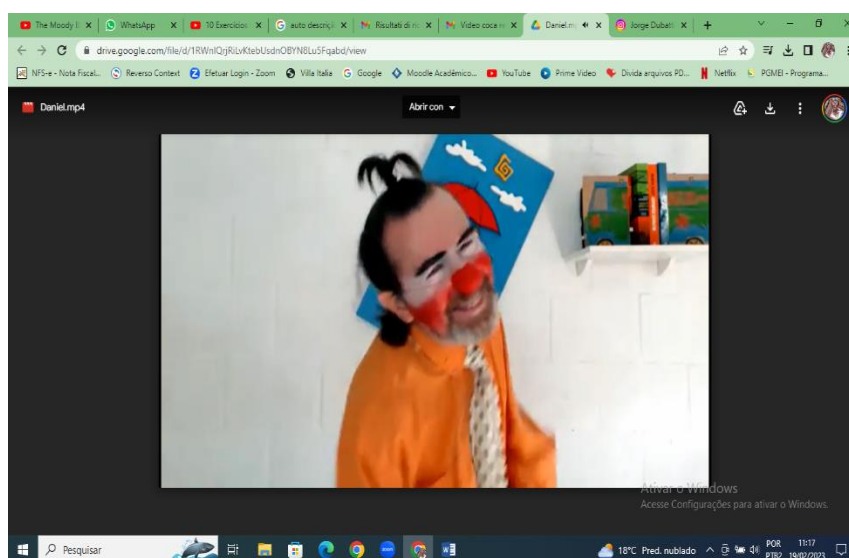


Neste mesmo período, em disciplinas virtuais na faculdade de teatro, surgem conceitos e discussões que tentam abarcar essa nova realidade como o tecnovívio introduzido pelo argentino Jorge Dubatti e que, de uma certa maneira, nos consola pelo fato de que a ação teatral se perdeu na impossibilidade do encontro de corpos em cena com corpos no público. Para mim, no entanto, a atuação virtual foi uma ótima experiência, um período de experimentações onde pude mais uma vez visitar a temática de gênero, tão cara a minha existência e a minha criação artística. Espraiamos, ainda, nossa

atuação para confraternizações de empresas e reuniões diversas como, por exemplo, um grupo de meditação zen, o zazen, do qual participei religiosamente (kkk) por muito tempo online pela plataforma ZOOM, sentando em zazen e realizando intervenções como drag e clown. As pontes possíveis entre a meditação e a palhaçaria são inúmeras. Ambas procuram o pleno gozar do aqui e do agora. Ao contrário de muitos e muitas colegas do Departamento de Arte Dramática e da Doutorzinhas, eu aproveitei ao máximo o obrigatório período pandêmico. Em outro caderno rosa dedicado às disciplinas da faculdade, na capa o rosto de Marilyn Monroe, anotei sobre as ideias de Dubatti e também sobre o conceito de encantamento de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino. Tais conceitos me foram apresentados pela professora Patrícia Leonardelli e pelo professor Henrique Saidel, respectivamente.

Foram muitas as parcerias virtuais. Foi intenso o aprendizado para a produção audiovisual que, da minha parte, configurou-se em um flerte bem sucedido, pois costumava delegar a outras pessoas a tarefa mais detalhada de edição e acabamento. Posso trazer à tona, por exemplo, a produção do vídeo “A história da Coca Recoca” contada pelo palhaço Albertino (Eduardo Schenini) e que teve a minha direção. Produzimos o vídeo como participação da Clownperativa na 2ª edição da Bienal do

Jogo e Educação #escutamor que também precisou se adaptar ao virtual. Encontros de preparação, ajustes de ambiente e orientação de edição atravessaram essa produção que mesclava um frescor de atuação palhaça, conquistado pelo palhaço solitário em sua casa, e os pitacos póstumos que eu dava. Colo aqui o link para que você leitor(a), saia um pouco desta janela e mergulhe em outra. O palhaço Albertino resolveu contar uma estória de domínio popular, mas com sua maneira muito palhaça de atuar. Na feitura do vídeo, trouxemos também uma preocupação, despertada pelo evento, em autodescrição e legendagem.



<https://drive.google.com/file/d/1RWnIQrjRiLvKtebUsdnOBYN8Lu5Fqabd/view?usp=sharing>

Não menos importante, mas no final do caderno, no sábado 05 de junho, promovi uma clownsulta online. Nesta ocasião, eram sete palhaças e o encontro teve como temática o lema “para, respira, não pira”. Trago esta página aqui, pois este foi (é) um dos encontros redondinhos que já montei dentro da minha trajetória como facilitador/professor de palhaçaria. Obviamente, mais tarde, usei e abusei desta mesma sequência em muitas outras ocasiões. Não vejo problema em reproduzir o que dá certo, pois cada encontro é único, mesmo que as pessoas sejam as mesmas, será diferente. Costumo falar assim para toda a criação teatral. O encontro, iniciava com a leitura de um trecho do livro “A vida não é útil” de Ailton Krenak (me dei conta de que passei esse livro adiante e não lembro para quem) que dava um tom reflexivo para o encontro, passava por uma limpeza em si e no ambiente ao som de “Banho de Manjeriçã” de Clara Nunes:

Eu vou me banhar de manjeriço
Vou sacudir a poeira do corpo batendo com a mão
E vou voltar lá pro meu congado
Pra pedir pro santo
Pra rezar quebranto
Cortar mau olhado

Visitava, também, outras músicas como “Me curar de mim” de Flaira Ferro e “De toda a cor” de Renato Luciano:

Passarinho de toda cor
Gente de toda cor
Amarelo, rosa e azul
Me aceita como eu sou

E tinha até leitura de cartas, do baralho Mulheres e seus poderes de transformação. Ou seja, o encontro foi pensado como um acolhimento e lembro que algumas voluntárias comentaram o quão é importante que possamos chegar ao encontro, abrir a câmera, da maneira como estamos naquele momento, mal-humorada, de ressaca e se permitir transmutar esse primeiro estado em algo novo. São estes momentos bem-sucedidos que me impulsionam para seguir adiante, funcionam como paradas durante a queda do abismo, um galho onde me seguro momentaneamente, ou uma gruta encrustada na rocha que me permite tomar um banho de sombra. Federico Fellini disse que o clown é como uma sombra, há que visitá-la.



AS TARTARUGAS SOBEM AS PAREDES

Dez mulheres basicamente. O GIRINO É O PEIXINHO DO SAPO. Havia sido informado que esse seria o seu público. Mais, é claro, colegas, professor e psicóloga que acompanham a disciplina. O SILÊNCIO É O COMEÇO DO PAPO. Óquei, ele pensou. Lhe foi designada uma sala para a troca de roupa, para a sutil maquiagem preta, branca e vermelha e para a menor máscara [em outros momentos brincaria que não seria o nariz vermelho, mas o rímel].

Saiu da sala O BIGODE É A ANTENA DO GATO e sabia que um amplo corredor, amplo, frio e arejado o dividia de seu público instalado em uma sala de estar, com TV (adormecida) desligada e sofás a postos. O CAVALO É PASTO DO CARRAPATO. Preocupou-se em revelar sua presença, desde a saída da salinha, com barulhos (rumores) bem-vindos até que todas pudessem vê-lo O CABRITO É O CORDEIRO DA CABRA em sua inteireza: figura alta e comprida, vermelha e azul, como as duas extremidades do lápis de cor de antigamente, dando (desenhando) notas vermelhas para os ruins e notas azuis para os bons. Entrou no ambiente O PESCOÇO É A BARRIGA DA COBRA e disparou que precisava defender sua tese de que todos os animais querem voar e sonhar. Antes, porém, lançou o olhar como quem busca aceitação e encontrou O LEITÃO É UM PORQUINHO MAIS NOVO apenas acalanto. No olhar daquelas mulheres fez-se a ponte A GALINHA É UM POUQUINHO DO OVO para a leitura do texto cultura de Arnaldo Antunes. A certa altura saiu com TARTARUGA POR DENTRO É PAREDE, enquanto passava um enfermeiro que ouvia um verso O DESEJO É O COMEÇO DO CORPO deturpado tartarugas sobem as paredes. E assim como passou em seu passo asséptico, indiferente, de hospital, entrou no gabinete da psiquiatra de plantão ENGORDAR É A TAREFA DO PORCO e alertou: o palhaço tá dizendo que as tartarugas estão subindo pelas paredes. Neste exato momento, toda a cadeia de cuidados institucionais (intestinais) foi ativada A CEGONHA É A GIRAFÁ DO GANSO e uma só medida foi tomada, chamou-se a psicóloga que nos acompanhava e, tirada da alegria instaurada na cena, sumiu do público. Ela foi advertida por uma série O CACHORRO É UM LOBO MAIS MANSO de instruções

a impedir que o palhaço desvirtuasse ainda mais a sanidade daquelas internas.

Finda a apresentação, o ator recebe O ESCURO É A METADE DA ZEBRA o relato de bastidores e lamenta que tenha sido tão feliz numa troca tão mágica com o público. No final é tudo uma questão de perspectiva.

AS RAÍZES SÃO AS VEIAS DA SEIVA

O CAMELO É UM CAVALO SEM SEDE

O POTRINHO É O BEZERRO DA ÉGUA

A BATALHA É O COMEÇO DA TRÉGUA

PAPAGAIO É UM DRAGÃO MINIATURA

BACTÉRIAS NUM MEIO É CULTURA

CADERNO SEIS

*Eu ousaria propor que
neste momento do mais radical tédio,
a gente aceite olhar no olho do furacão,
e falar: o que será que me despertaria,
me moveria de uma maneira radical?
(Maria Homem)*

Gosto de ouvir música enquanto escrevo, hoje não foi diferente. Segunda de Carnaval, céu nublado, cheiro de chuva que se avizinha. Ouço um vídeo da psicanalista Maria Homem, porque me chamou a atenção seu título: tédio. Introduzo este caderno com sua provocação final. São tantos os matizes desta palavra que vão até mesmo, quem sabe, a uma depressão, prima distante? No ser palhaço me encontrei, e faço o tempo todo o exercício de recriar-me dentro deste mesmo ofício, encontrando matizes no palco, na rua, no hospital, na empresa, na feira, na sala de minha casa.¹³

“Falta de seriedade da disciplina”. Primeiro apontamento da primeira página. De teoria também é feita a caminhada do louco. Em rosa, leio o seguinte:

metáfora do CADERNO – dispositivo formal que tornou-se conteúdo

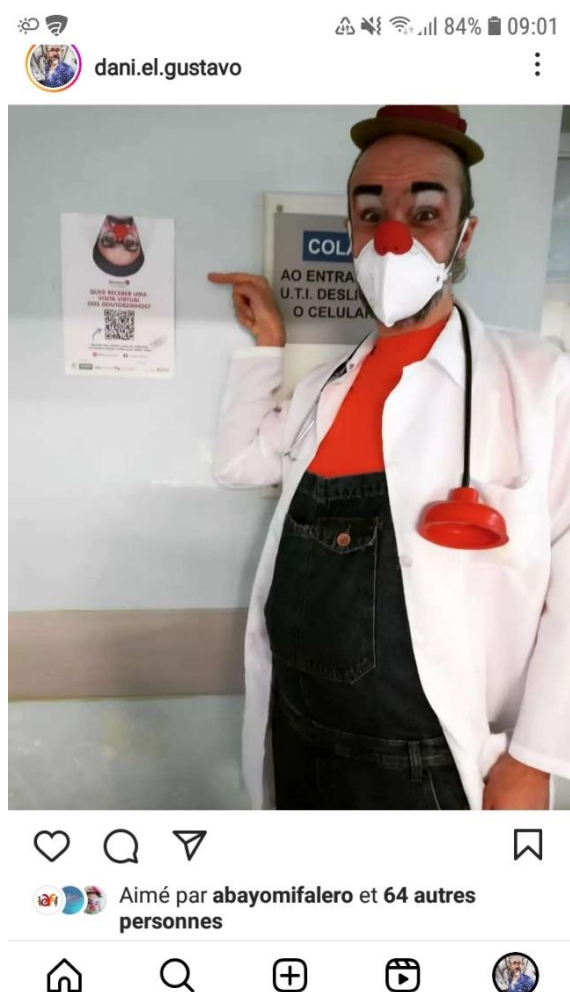
- 1) Diagnóstico
- 2) Exercícios praticados
- 3) Planejamento de aulas e cursos
- 4) Processo de avaliação

JET-LAG – estado causado pelas trocas de hábito e fuso horário pós viagens

De qual boca ouvi, de qual livro vi eu realmente não sei, mas já estava ali a importância que reservo para o elemento caderno. Para onde vou buscar-me nas muitas encruzilhadas com as quais me deparo. Na segunda folha, mais uma anotação, desta vez referência direta ao dramaturgo alemão Bertolt Brecht, que diz assim:

¹³ No Grupo Trilho de Teatro Popular, coletivo do qual fui um dos fundadores, e que ficou em atividade ininterrupta por pelo menos 12 anos, tínhamos uma espécie de hino que introduzia nossa chegada na rua. Parte desta letra dizia “no palco, na rua ou em todo lugar, vem com o Trilho no caminho popular”.

Seu objetivo era evidenciar o caráter lúdico do espetáculo, revelando seus meandros e artifícios para convocar o espectador a uma participação intelectual, crítica e ativa. Ao fim, pretendia que o teatro fosse tão divertido quanto o esporte.



De onde veio a citação, não faço a menor ideia. Mas Brecht é um fantasma que me faz boa companhia. No hospital, às vezes, quando o clima está mais intimista e a pessoa acamada está mais debilitada, eu gosto de sacar uma mensagem de uma pequena caixinha que trago comigo. Dentro desta caixinha há uma luzinha vermelha de bicicleta. Eu anuncio que vou me preparar, me viro de costas, e acendo a luzinha. Abro a caixinha num clima de expectativa e lá de dentro surge a luz piscante, aproximado do nariz vermelho e pergunto se dá pra ver o efeito especial. Assim que recebo uma resposta afirmativa, desligo a luz e digo que devo economizar, pois devo voltar de bici para casa. Gosto de quebrar a magia do momento, geralmente dá um efeito de graça, de riso, e eu acho tão brechtiano isso. É o que eu digo para voluntários e voluntárias

da ONG durante os treinamentos.

Desde sempre fui apresentado ao teatro político e quando cheguei ao humor, um e outro se fundiram. Enquanto ensaiava o Homem Mais Sério, processo solitário e desafiador, também ensaiávamos Umbigo, espetáculo de rua coletivo e sonoro. Coube a mim José Arésio, funcionário exemplar de banco, do Umbigo Bank, que comete suicídio ao ser acusado injustamente. O único bonzinho da cidade teve um trágico final. Lembro que em uma das mostras do processo, a atriz Deddy Ricardo nos disse que Arésio deveria gerar muita empatia com o público para que sua morte valesse a pena. Dito e feito. Considero Arésio um primo sem nariz do Tigrão. Tão forte a sua presença, capaz de invadir este Trabalho de Conclusão sobre palhaçaria. Foi, no

entanto, sua empatia, ponte criada com o público, que cruzou a caminhada do palhaço. No hospital, até hoje, uso seu chapeuzinho como Doutor.



FOREIGN LANGUAGES JODOROWSKY SONHOS NOITES DE CABÍRIA FELLINI
CINEMA ITALIANO SOPHIA LOREN FANTOCHES DEDOCHES DRAG UNA
MATTINA MI SONO VALENTE BELLA CIAO TIGRA GÊNERO HOSPITAL
SONORIDADES SÃO MIGUEL POESIA PAPEL ORAÇÃO HELLO KITTY QUERIDO
PÔNEI ORIXÁS LENGUAS EXTRANJERAS BRINQUEDINHOS O HOMEM MAIS
SÉRIO DO MUNDO JOANINHA FOLHAS LANGUES ÉTRANGÈRES CHAPEUS
BOTÕES CALÇAS LARGAS ANEIS VAMPIRO ESTAMPAS BICHOS FLAMINGO
URSINHOS CARINHOSOS TAROT LOUCO CARTAS XAMÂNICAS CAVEIRAS
CORPO ANIMA LINGUE STRANIERE

Sobre a porta da geladeira um brain storming paira como uma tentativa de pesquisar um novo (novos) figurino (s) para o Tigrão. As palavras que formaram o muro acima, estão neste mapa mental. Figuram ali e são as que compõem a minha poética palhaça, sem dúvida. O exercício fez parte de um curso online sobre figurino com o Flávio Souza do Teatro Pequeno (parei de segui-lo porque ele posta muitas selfies) que trouxe, entre outras cositas, o arquétipo do Trickster, estudado por ele na Itália; o Giullare, bobo; e o orixá Exú. Trouxe consigo, ainda, a ideia do leva e traz, da sombra que nos revela e da ingenuidade para a inconsciência. Tocou em conceitos como volatilidade e farmacon que envenena ou cura, depende de como o administramos. Todas essas informações reverberam em mim. Ao final das anotações sobre este período de encontros semanais, leio: eu não tenho vontade de transgredir o/ prescindir do nariz. Pense sempre sobre a roupa de baixo. Agora, cursando a disciplina sobre Burlesco, a roupa que fica em baixo fica em evidência mais uma vez. Minha proposta de cena para um cabaret de fechamento da disciplina é reciclar todo o figurino que já tenho e reacomodá-lo em um novo contexto. Tirando as roupas que me cobrem e vestindo outras que me desnudam, eu danço músicas que se referem ao animal tigre. 🎵 Teach me, tiger, how to kiss you. Take my lips, they belong to you 🎵 Gostei deste percurso, fui do figurino ao cabaret.

<https://www.youtube.com/watch?v=iNj0YuOIPEY>

Em um dos encontros de duplas da ONG, desenvolvi com outra voluntária uma farmacinha de A a Z para atender, sob a ótica palhaça, a qualquer problema que as



peessoas no hospital possam ter. Com a capa improvisada entre uma lâmina de raio X e elásticos abandonados em alguma caixinha das que eu coleciono(nava), este registro ficou entre os encontros virtuais marcados pela pandemia e a volta ao presencial. Assim, remédios como alegrol, birutox e camomilax continuam sendo prescritos pela Dra. Miloca e dialogam com a minha lógica de atuação, iniciada ainda no virtual, mas expandida para nossas formações presenciais: a mesa birúrgica. Um lugar para chamar de seu com todos os

elementos/brinquedos/instrumentos que te podem servir/auxiliar durante uma visita. Eu a conservava ao meu lado, abaixo do ring light aceso, e sacava o que fosse necessário para aquele contexto específico. Na migração para os corredores, ainda com máscaras cirúrgicas, a mesa diluiu-se nos bolsos do jaleco e na maletinha que me acompanha. Um repertório para chamar de seu bebido na fonte inesgotável e eterna referência que é a atuação dos Doutores da Alegria.



Em meu estágio, o segundo, realizado no ensino médio do Colégio de Aplicação/UFRGS, propus aos alunos do 2º ano que explorássemos a mesa. Eram apenas dois encontros antes das férias de verão e achei oportuno aplicar minha “metodologia” e ver onde chegaríamos. A escola oferece entraves na atuação cheia de gás de um provável formando, mas mesmo assim o encontro se deu. Reproduzo abaixo meu relato contido no relatório parcial da disciplina.

Havia 08 estudantes em aula (no total são 09) e, como já havia percebido no estágio no ensino fundamental, sempre há um atraso mínimo de 10 minutos para o início efetivo da aula com todas as pessoas presentes. A professora já havia me alertado que esta aula seria mais curta em virtude de outras duas apresentações (música e dança) da mesma turma. Como havia dito antes, a turma escolhe qual das manifestações artísticas seguir e, no caso da turma de teatro, a professora já havia considerado as performances realizadas com outro colega estagiário como a apresentação final da turma. A mim coube preencher os dois encontros faltantes com o conteúdo que eu quisesse e escolhi falar sobre palhaçaria. A aula, por fim, teve apenas 40 minutos de duração. Num primeiro momento, falamos sobre a arte da palhaçaria, trouxe fotos minhas com colegas em hospitais e fotos de palhaços consagrados como Bozo, Patati Patatá e Ronald McDonald. Pedi a turma que observasse quais eram as diferenças entre todas essas figuras e, para meu espanto, observaram exatamente aquilo que eu falaria em seguida. Chegamos, portanto, à conclusão de que exercer a figura do(a) palhaço(a) passa por um trabalho sério e de autoconhecimento também. Senti que meu objetivo fora alcançado no sentido de sensibilizar a turma para a maneira como compreendo a palhaçaria. Optei por não fazer o aquecimento previsto, pois percebi que a turma estava cansada e, como não havia muito tempo, fomos diretamente para a dinâmica principal: a mesa cirúrgica. Após um breve reconhecimento visual dos objetos disponibilizados sobre uma mesa, cada pessoa começou sua pesquisa com um objeto escolhido. Percebi dois aspectos em relação a essa prática. Houve uma dificuldade em trabalhar

sozinho (a), pois queriam sempre mostrar o que estavam fazendo para mais alguém e, além disso, alguns alunos exageraram na manipulação dos objetos sonoros, causando uma certa perturbação ruidosa na sala. Ao final, a apresentação que fizeram dos usos pesquisados para cada objeto foi muito tímida. Numa roda, sentados e sentadas, mostraram o que haviam descoberto, mas ao mesmo tempo ilustravam com as palavras seus achados, sem permitir que o resto da turma tirasse suas conclusões. Terminamos a aula mais cedo devido às apresentações de música e de dança.

A MÁGICA DA XÍCARA

Saímos entusiasmados com aquela sensação de quem deixa um ambiente e sente que realmente provocou uma mudança ali. Fui mudado também. Houve uma troca, interações funcionaram, risos afrouxaram. Na passagem pelo corredor, no recuo para a entrada dos banheiros, seis mulheres sentadas aguardavam em silêncio. Nossa chegada ruidosa e a quietude de sua espera por um tempo se chocaram. Fizemos, então, o nosso silêncio e atiramos a tarrafa, como pescadores em busca de um peixe distraído. Veio a pergunta de minha parte vocês estão esperando? Um sim tímido saiu do lábio de alguém acompanhado de um aceno de cabeça mais discreto ainda. Podemos fazer uma mágica? Havia uma tensão no ar que interpretei (depois interpretamos, pois, minha colega teve a mesma impressão) como corriqueira em salas de espera de hospitais e, logo, saí com a afirmação que dava continuidade a gag¹⁴: sou especialista em esperançologia. Sabem do que se trata? Alguma agitação calma entre duas delas. A ciência da esperança ou a arte da espera. Posso fazer uma mágica? Já que todo mundo tá esperando, né? Olhares e sorrisos de aprovação, tudo muito contido, mas sentimos que, sim, seria possível fazer a tal mágica. O que vocês estão vendo aqui na minha mão? Mostrei uma xícara vermelha de plástico e aguardei que alguém respondesse: uma xícara! Ninguém resolveu opinar apesar de uma certa expectativa que havíamos estabelecido naquele ambiente. É uma xícara e eu vou multiplicá-la. Estão preparadas? Neste momento vi que uma delas estava mais séria que as demais, mas não trazia desaprovação em seu olhar. Neste meio tempo, chega uma enfermeira às pressas e, tentando ser discreta sem ser vista, me chama para fora da cena e diz que talvez aquele não fosse o melhor momento. Mas elas querem ver e disseram que sim, respondi prontamente. Ah, ok, então, disse a enfermeira. Chegada a hora da revelação, minha colega encarregou-se de criar a devida expectativa e finalmente saquei uma meia de listras amarelas de dentro da xícara e disse: uma xícara e meia! Alguns risos de contentamento foram a reação do público. Saímos como sempre fazíamos,

¹⁴ efeito cômico que, numa representação, resulta do que o ator faz ou diz, jogando com o elemento surpresa

humildemente para não receber os aplausos e no corredor desta vez quem veio ao nosso encontro foi um médico e pediu que não fizéssemos nada, pois precisava anunciar um óbito. A coisa toda já havia acontecido. Fizemos o bem ou o mal? A resposta advém dos diferentes pontos de vista. Muito treinamento nos prepara para viver o aqui e o agora a partir de nosso repertório. Teria sido mais prudente aquietar-se diante da tensão instaurada ou houve um dissipar bem-vindo (justamente) da tal tensão?



CADERNO SETE

A beleza da lesma é ser ela mesma

(Anderson Kubiak)¹⁵

Nas primeiras páginas da última etapa até o agora, inicia-se um processo de orientação palhaçística para o grupo Atrito que pretende montar o texto de sua diretora, a Fernanda Moreno, e como há alguns personagens assumidamente palhaços na trama, resolveu-se preparar a todos e a todas. Nunca havia feito tal tipo de trabalho e aceitei o desafio de atirar-me em mais esse abismo. Senti já na partida que saltávamos algumas etapas, pois o grupo é profissional e está mais acostumado com o estar em cena. Tudo, neste sentido, era muito diferente do trabalho com voluntários e voluntárias da ONG que passaram muito timidamente pelas primeiras desinibições teatrais. De qualquer maneira, resgatei, graças a meus cadernos antigos, três dinâmicas que apliquei no grupo de atrizes/atores, bem como no grupo da Doutorzinhas.

Primeiramente, o corpo animal consiste em sacar uma carta do tarot xamânico (já mostrado anteriormente) e percorrer uma série de ações que possam gerar repertório corporal. São elas: correr, sentar, rir, chorar, pular, lambear, cheirar, peidar, suar, enmelecar-se, sacudir, voar, rastejar e cagar. O animal que habita em mim faz um link com a tese do Homem Mais Sério do Mundo e povoa a poética palhaça que reside na minha trajetória entre felinos, joaninhas e outros bichos.

Já a dinâmica com os balões assume diferentes percursos de acordo com a resposta das pessoas que a vivenciam. Basicamente consiste em um primeiro momento de interação com o objeto murcho, descobrindo possibilidades de uso. Passa pelo enchimento do objeto e nova pesquisa de usos, chegando no jogo para mantê-lo sempre no ar a partir de diferentes partes do corpo. Por fim, concentramos algo bem negativo (pensamento, sentimento, experiência) no balão e o estouramos como forma de expurgar o que ali dentro habitava. No meio do caminho, improvisos acontecem, pequenas mostras de habilidades são bem-vindas também.

¹⁵ Este verso pertence ao Anderson Kubiak, palavreiro brincante de Porto Alegre, que nos emprestou a frase para que aparecesse nas ecobags da ONG. Eu a uso também durante as saídas palhaças como desculpa para interagir com as pessoas nas ruas: a entrega de um bilhete com uma mensagem profunda.



E, por fim, somos feitos por quatro elementos. Estes encontram-se nas manifestações da natureza ou na artificialidade da vida cotidiana como a chama do fogão, a torneira que pinga, o ventilador impotente no verão ou os sapatos batidos no capacho da entrada. Pelos quatro cantos da sala são distribuídos quatro pequenos cartazes com as palavras **FOGO**, **TERRA**, **ÁGUA** e **AR**. Os corpos navegam por essas possibilidades de energia e o resto se cria ali, na interação.

COISAS SOLTINHAS

Abro o livro da Sallie (a Nichols) e leio um trecho sobre ele, o arcano zero, aquele que exerce a liberdade de caminhar a esmo, de deixar-se levar, no entanto carregando consigo a responsabilidade da disciplina que é liberdade.

E leio:

Existem muitas possibilidades menos dramáticas de admitir o Louco em nossa vida. Uma delas é reconhecer livremente a nossa própria loucura. Toda a vez que formos capazes de fazê-lo numa situação de conflito, os resultados serão desarmantes. Não encontrando resistência, o antagonismo fica com a cara no chão, e o nosso adversário brandirá em vão o punho no ar. E o que é mais significativo, a energia que despendíamos antigamente defendendo a nossa própria estupidez é agora liberada para um emprego mais criativo. Toda a vez que um protagonista abre o coração e admite o Louco, a hostilidade quase sempre se dissipa em risos, e todos os participantes do conflito acabam meneando a cabeça em companhia de Puck diante da insensatez do homem mortal. De modo geral, o Louco é um bom personagem para consultar todas as vezes que nossos planos mais bem arquitetados foram para o vinagre, deixando-nos desesperadamente desorientados. Nessas ocasiões, se prestarmos atenção, ouvi-lo-emos dizer com um encolher de ombros: “quem não tem meta fixa nunca perde o caminho.”

🔒 🔊 📶 33% 🔋 19:55



Programa Enferma...

Discussion professionnel...



Bom dia!! Faço parte de uma ONG de palhaças/ palhaços de hospital em Porto Alegre e gostaria de saber pq vocês usam o termo "palhaçada" no lugar de "palhaçaria". Grato!!!

18 août à 21:56

Oi, Daniel! :)

Há quem entenda Palhaçaria como campo de estudo e a palhaçada como a própria "ação", o pulso, o que nos move, a tradição.

🔒 🔊 📶 33% 🔋 19:56



Programa Enferma...

Discussion professionnel...



Mas há um estigma que foi atribuído a esta palavra. Palhaçaria se tornou uma espécie de termo acadêmico, enquanto palhaçada foi designada a um lugar rechaçado. O seu uso para nós, é também um movimento de resgate. Por que não usar a palhaçada? Nos interessa subverter a conotação negativa frequentemente atribuída a nossa linguagem!

Quando falamos de estudo da palhaçada, entendemos que é importante manter em paralelo estudo e ação.

Há técnica por detrás da palhaçada. Há técnica até que amoleça e vire você mesmo com naturalidade, com espontaneidade. Triangulação é palavra meio matemática que assusta com sua dureza, mas necessária para que a relação se estabeleça. Palhaço é relação. Triangulação é ponte. Para que se proponha a mágica, para que sua franga de borracha grite, há que se ter gente a fim. Como eu descubro essa vontade, às vezes quieta e amortecida pelo rivotril, pelo tik tok, pela pressa, pelo compromisso, pela ansiedade do que vem depois? Eu olho. Posso ver, mas não olhar. *Vedere/guardare, to see/to whatch, voir/regarder, ver/mirar*. Não à toa as línguas separam o que envolve atenção e afeto daquilo que simplesmente é um ato físico e corporal.

@palavreiro.brincante @maria.homem @elegguauruguay @enfermariadoriso
@lianakeller_arte_tarot @majur @nicmulherespalhacas @evelianaekin
@claudiothebas @poahps @elenaferante_oficial_fanpage
@taller_retiro_cinco_principios @genifergerhardt @barracaoteatro
@multivozesnaescola @doutorzinhos @dad.ufrgs @palhacarianeip
@sindbancariospoa @anawuo @grupoatrito @naricesrojassf_ @temperleyteatro
@axfrangax @comiacultural @as_theodoras @pertencecultural
@sergiomercurio_oficial @rosi.jacomelli @arnaldo_antunes @ermelinda.emma.bircaj
@palhacabarrica @doutoresdaalegriaoficial
@yogadoriso @bienaljogoeducacao
@pequenoteatro @abayomifalero
@narrativascoloridas @fraternidadeceunaterra
@cassandrascalabouco @workroombar
@grupotrilho @ongsomos
@lojasiriusesoterica @cinebancarios
@oinoisaquitaveiz @renan_quinalha
@macarenandodanceconcept @olivierhugues @scuolavillaitalia @cabare.zin
@ciaguita @transenempoa @josephscafebar @descurso @nuanceslgbts
@spaziadisponibile_lecce @satedrs @llecriativa @cirkula522 @saude.magica
@amo.bemviver @pontodeculturaferinho @omarcelomarcon @paola_herborismo
@jzfalero @vipviviainpositivoecce @vemvoarstudio @lugardepalhaca
@bamboletras @cinematecapauloamorim @viazenoficial

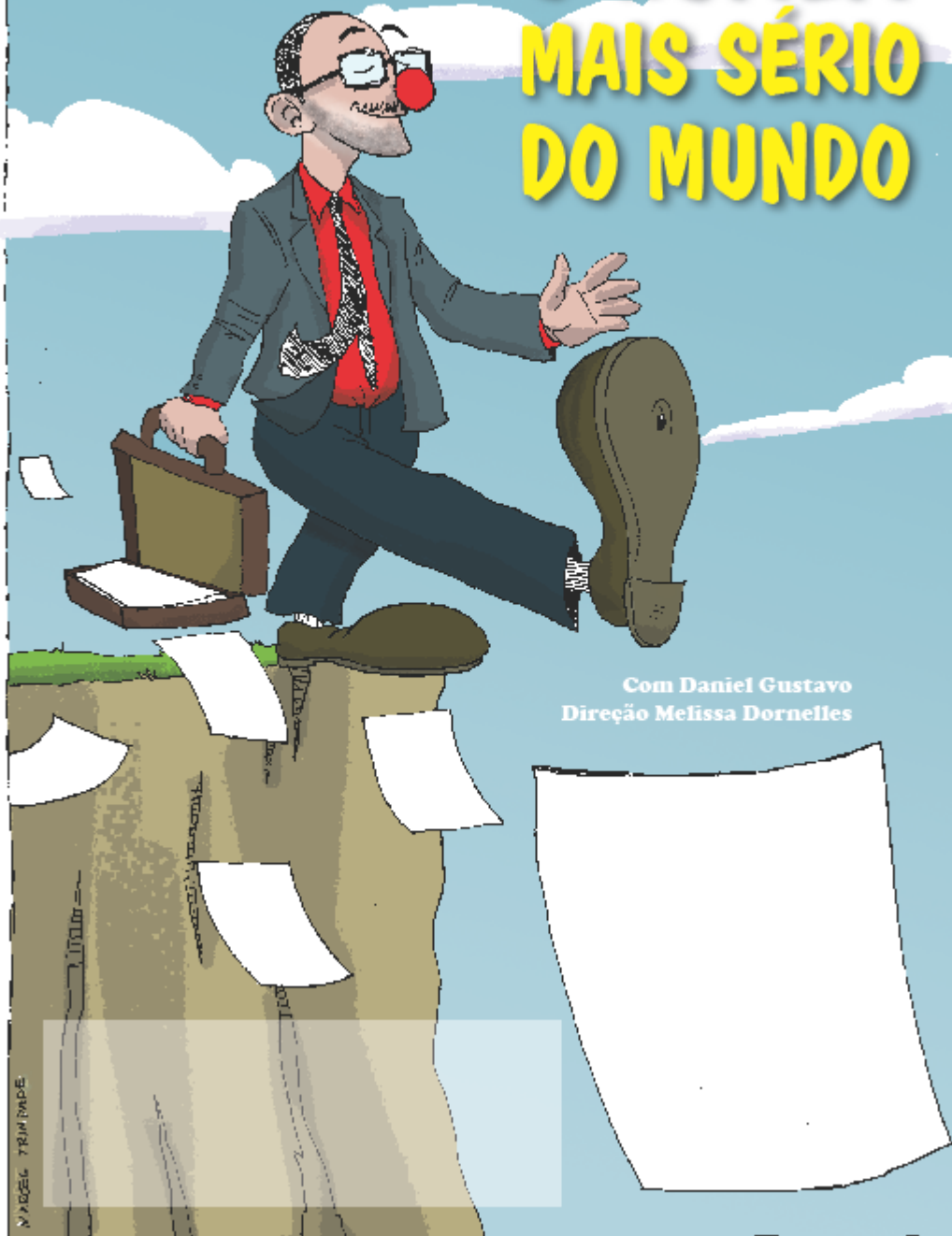


REFERÊNCIAS

- BURNIER, Luís Otávio. A arte de ator: da técnica à representação. Editora da UNICAMP, 2009.
- BRUM, Daiani & WUO, Ana Elvira (orgs). Palhaças na universidade. UFSM: 2022.
- COSTA, Marianne & JODOROWSKY, Alejandro. La vía del tarot. Barcelona: Ediciones Siruela, 2011.
- DUARTE, Marcelo & NOGUEIRA, Wellington. O livro dos segundos socorros. São Paulo: Editora Panda, 2001.
- DUBATTI, Jorge. Convívio e tecnívio: o teatro entre infância e vulnerabilidade. Revista Colombiana de las Artes Escénicas, 2015.
- DUNKER, Christian & THEBAS, Cláudio. O palhaço e o psicanalista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- FELLINI, Federico. Fellini por Fellini. L&PM, 1983.
- FERRANTE, Elena. Storia del nuovo cognome. Roma: Edizioni E/O, 2017.
- JARA, Jesús. El clown, un navegante de las emociones. Gráficas Olimpia: Sevilla.
- JODOROWSKY, Alejandro. Yo, el tarot. Buenos Aires, Debolsillo, 2006.
- KOUDELA, Ingrid. A ida ao teatro.
- LECOQ, Jacques. O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral. Edições SESC, 2022.
- MEIRELES, Cecília. Cânticos. São Paulo: Global, 2015.
- MASETTI, Morgana. A ética da alegria no contexto hospitalar. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2014.
- KRENAK, Ailton. A vida não é útil. Companhia das Letras, 2020.
- RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- RUFINO, Luiz & SIMAS, Luiz Antonio. Encantamento: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.
- THEBAS, Cláudio. Ser bom não é ser bonzinho. São Paulo: Planeta, 2021.

Grupo Trilho de Teatro Popular apresenta:

O HOMEM MAIS SÉRIO DO MUNDO



Com Daniel Gustavo
Direção Melissa Dornelles

MARCEL TRINHADE



“Uma ação tão simples como colocar um nariz de látex gera um movimento psico-corporal que pode angustiar e confundir. Como todo processo criativo, gera caos. Esta máscara é um órgão de superfície que, como a pele, protege das realidades externas e internas do ator. Permite-nos, ao colocá-la, escutar esse outro que nos habita e que começa a se fazer ouvir, propondo a passagem para a transformação. O nariz é a porta que se abre para outra lógica”. (ROMERO, 2012. Tradução livre □

Projeto Pedagógico

O espetáculo *O Homem Mais Sério do Mundo* surgiu a partir de questionamentos sobre o conflito entre "ser e parecer" presente no homem de nossa contemporânea sociedade. Estabelecem-se, assim, duas relações sensivelmente relevantes a serem apresentadas neste projeto: o indivíduo em um coletivo social; e o homem como apenas uma das muitas criaturas de um meio natural.

Diante da urgência em refletir sobre como encaramos as pressões sociais diárias, que exigem posturas e comportamentos muitas vezes padronizados, a montagem busca espelhar, na figura do palhaço¹, o homem globalizado. Em mais um dia de trabalho, vestindo terno e gravata, Tigrão encarna a suposta necessidade de ascensão social ao apresentar para o público uma tese acadêmica sobre a evolução das espécies, especialmente a humana.

O homem engolido pela máquina que dissolve qualquer singularidade, apagando a origem de sua autenticidade. Neste trecho do prefácio do livro *Homo Ludens*, esclarece-se, em parte, em que medida a figura do Mais Sério concebe as diferentes maneiras de "atuar" em sociedade: o homem que pensa, que faz e que joga:

Em época mais otimista que a atual, nossa espécie recebeu a designação de *Homo sapiens*. Com o passar do tempo, acabamos por compreender que afinal de contas não somos tão racionais quanto a ingenuidade e o culto da razão do século XVIII nos fizeram supor, e passou a ser de moda designar nossa espécie como *Homo faber*. Embora *faber* não seja uma definição do ser humano tão inadequada como *sapiens*, ela é, contudo, ainda menos apropriada do que esta, visto poder servir para designar grande número de animais. Mas existe uma terceira função, que se verifica tanto na vida humana como na animal, e é tão importante como o raciocínio e o fabrico de objetos: o jogo. Creio que, depois de *Homo faber* e talvez ao mesmo nível de *Homo sapiens*, a expressão *Homo ludens* merece um lugar em nossa nomenclatura. (HUIZINGA,200)

¹ Utilizamos neste projeto os dois termos "palhaço" e "clown" como sinônimos, ainda que saibamos que comumente este último refere-se ao palhaço de teatro em relação ao primeiro, o de circo.

Através de uma dramaturgia própria desenvolvida pelo grupo, são apresentados elementos que contribuem para retratar, sob a ótica clownesca, os pequenos momentos vividos pelo bicho-homem como a higiene pessoal, a influência exercida pelos meios de comunicação e a publicidade, ou ainda a crença no cientificismo acadêmico como único detentor de verdades.



O espetáculo *O Homem Mais Sério do Mundo* propõe, como todo evento teatral, uma troca com o público em sua linguagem clownesca. Desde a sua concepção, quando ainda era um amontoado de rápidas experiências realizadas em visitas a hospitais, Daniel Gustavo e Melissa Dornelles abarcam o desafio de trabalhar o universo do palhaço, tão pré-conceituado e pouco explorado, em profundidade. E, a partir da formação de Melissa Dornelles na Escola de Philippe Gaulier, o conceito de “clown pessoal” será o fio condutor para a composição da poética do espetáculo. O palhaço Tigrão (Daniel Gustavo) já havia nascido, como reza a tradição desta linha de pesquisa, e vivenciado muitas ocasiões, adaptando o seu modo tão peculiar de ser ao silêncio asséptico do hospital, à confusão de uma feira ecológica ou ao intenso barulho de um cabaret noturno de variedades, citando apenas alguns exemplos. Havia chegado o momento de reunir tudo na cena, na clássica troca entre público e ator. *O Homem Mais Sério* é uma concepção plural, o resultado de uma pesquisa intensa.

No momento em que entra no hospital, a pessoa fica instituída como paciente e, em muitos casos, termina por despersonalizar-se (...) se toma a parte doente pelo todo. O sujeito se transforma em corpo-paciente (...) Muitas vezes, o paciente é acometido pela incerteza e

vulnerabilidade que desencadeiam vários conflitos e, em muitos casos, agravam sua situação inicial e estado geral. Isto explica porque a experiência da hospitalização é potencialmente traumática. (ROMERO, 2012, pg.64 – tradução livre)

Mas o desafio não estaria completo se a montagem se destinasse apenas ao público habitual frequentador de teatros. A montagem optou pelas crianças, porque são autênticas e respondem a qualquer tipo de estímulo de maneira sincera, além disso, vivem o presente sob a ótica da fantasia e do “tudo pode ser basta imaginar e/ou acreditar”. Pois basta também substituir, nas linhas anteriores, a palavra “crianças” pela “palhaços” e obter a filosofia que norteia o trabalho de um clown, ou seja, dois universos se espelham na montagem. Encarar e conquistar o público infantil apresentou-se como a principal meta a ser atingida. São raras as montagens que se dedicam a unir a linguagem clownesca à aprovação do público infantil. O espetáculo, após um mês de temporada na Casa de Cultura Mário Quintana de Porto Alegre em agosto de 2013, amadureceu definitivamente a faixa etária de seu público: crianças a partir de 03 anos dialogam com a maneira tão pessoal e sensível de abordagem do palhaço Tigrão e seus pais e responsáveis são cativados também, pois há momentos dedicados exclusivamente para a criança que ainda habita cada adulto.



Mas, para atingir os pequenos, fez-se necessário promover a interação, outro aspecto do teatro infantil que, muitas vezes, se limita à interação verbal ou à abordagem sem escuta. O clown precisa perceber quem se mostra disponível ao jogo para, só então, dar seguimento a narrativa com a participação das crianças. Em *O Homem Mais Sério*, estabelecem-se momentos específicos em que as crianças interagem e contribuem para que o palhaço possa defender sua tese de que todos os animais querem voar e sonhar. São eles:

- As crianças são convidadas a desenhar seus animais favoritos e a colocar asas em todos para que possam realmente voar;

- Ajudam a confeccionar o boneco de papel pardo, réplica do bicho-homem, que empreende o vôo final do espetáculo, comprovando a ideia inicial de que, sim, todos somos capazes de sonhar;

- Interagem com os dedoches e fantoches trazidos por Tigrão nas suas tentativas “científicas” de comprovar sua teoria.

E são, justamente, estes bonecos que colorem a fantasia de crianças e adultos, pois adquirem vida a partir da manipulação feita pelo ator em cena. Desmistifica-se, em um primeiro momento, a figura pré-concebida do palhaço que perfigura como trauma de muitas crianças. E, já acostumados com o nariz vermelho, os pequenos podem dar asas a sua imaginação também na figura de um pinguim, um pato, um condor e um esquilo de mentirinha, exatamente como fazem em suas brincadeiras de faz de conta.



Através destes pequenos seres, vivificados e personificados quando em contato com o corpo do ator em cena, as crianças (e também os adultos) acompanham a lógica do palhaço que busca provar que todos os animais querem voar e sonhar, como atesta seu discurso:

O presente estudo teve por objetivo comprovar que todos os animais querem voar e sonhar. O desaparecimento das asas nas costas dos bichos é considerado a causa mais frequente do sentimento de tristeza. Sendo assim, uma galinha não é apenas uma galinha, mas, sim, uma águia em potencial. É tudo uma questão de perspectiva. Vejamos:

No cenário, quando o palhaço se desloca para realizar sua tão esperada palestra, vemos a evolução das espécies (sob a ótica clownesca, é claro) onde tudo começa em uma joaninha, seguida por um tigre de pelúcia e por um homem de terno e gravata para terminar no palhaço. A encenação também se propõe a questionar, em um nível mais profundo, a e(in)volução humana que promove avanços tecnológicos em detrimento da sobrevivência de outras espécies. Anulando, por outra parte, até mesmo o direito à alegria e ao riso, pois o bicho-homem cada vez mais se preocupa apenas em acumular dinheiro e ter uma carreira de sucesso. Com o *Homem Mais Sério* apropriamos-nos desta experiência e potencializamos o poder de transformação que o riso pode oferecer. Por fim, a trama, já exposta neste projeto, configura-se como forte crítica ao modo de vida do *homo sapiens* em sua aparente civilidade. O Homem Sério veste terno e gravata, mas usa nariz vermelho. Não foram poucas às vezes em que crianças questionaram seus pais com a pergunta: “mas o homem sério é um palhaço?” Pois só o clown pode permitir-se criticar através do riso, arma poderosa para expurgar e espelhar mazelas cotidianas.

Por isso, sugerimos como proposta pedagógica a discussão e reflexão sobre as temáticas suscitadas pelo espetáculo e, posteriormente, a confecção de material lúdico que propicie uma compreensão não apenas mental do que foi apresentado.

Faixa Etária: 03 a 05 anos

1ª etapa – Antes de assistir ao espetáculo, organize uma roda de conversa sobre o argumento e, a partir do material lido, incentive os comentários das crianças. Através desta conversa, você prepara a apreciação do espetáculo. Sugerimos algumas perguntas instigantes:

- O título do espetáculo é *O Homem Mais Séri*o do Mundo. Quem é a pessoa mais séria que vocês conhecem?

- O espetáculo é um monólogo interpretado pelo palhaço Tigrão. Vocês sabem o que é um monólogo? Vocês conhecem algum palhaço? O que faz um palhaço? Pode um palhaço ser um homem sério?

- Tigrão tem que defender uma tese muito séria sobre a evolução do homem e dos animais. Vocês sabem o que é uma tese?

- A tese diz que **todos** os animais podem voar e sonhar. Quais são os animais que podem voar? E por quê?

O educador pode utilizar a tirinha do personagem argentino Gaturro (em anexo) para instigar as crianças sobre as diferentes espécies de animais e a relação morfológica (forma do corpo) que estabelecem entre si. No que um ratinho se parece com um morcego? E a aranha pode ser prima de um polvo, por quê?

- Por fim, estimule as crianças a desenhar e colorir seus animais preferidos, num primeiro momento, para depois colocar asas em todos, porque o palhaço vai precisar desta ajuda para defender sua tese sobre a evolução das espécies. Os desenhos podem ser levados à apresentação para que façam parte da história contada. No caso de turmas numerosas, o mesmo desenho pode ser feito por duas ou mais crianças em modo cooperativo.

2ª etapa – Como se comportar durante uma apresentação teatral? Muito importante nesta etapa é falar com os alunos sobre como se portar durante a apresentação de um espetáculo. A peça é ao vivo, não se pode ajustar o volume e nem é gravada como a televisão. Conversar em voz alta durante a encenação pode desconcentrar quem está em cena e o restante da plateia, mas responder aos estímulos oferecidos pelo palhaço é sempre bem-vindo. O clown age dentro do aqui e agora e, muitas vezes, o imprevisto pode ser um presente para o ator em cena. Converse com as crianças a respeito para que percebam essas características e as respeitem. Há momentos no espetáculo em que a participação do público é claramente requisitada pelo palhaço que, abertamente, pergunta: vocês podem me ajudar? Somente a experiência de assistir a um espetáculo de teatro dá a possibilidade de construir um espectador.

3ª etapa – Após a apresentação:

- O que acharam da história apresentada?
- Vocês já conheciam algum palhaço como o Tigrão?
- Vocês acham que ele conseguiu defender a sua tese de que todos os animais podem voar e sonhar? Em que momento(s) da apresentação ele demonstrou isso?
- É possível que exista um palhaço sério?

Neste momento, pode-se confeccionar o boneco de papel pardo (em anexo).



Faixa Etária: 06 a 09 anos

1ª etapa - Antes de assistir ao espetáculo, organize uma roda de conversa sobre o argumento e, a partir do material lido, incentive os comentários das crianças. Através desta conversa, você prepara a apreciação do espetáculo. Sugerimos algumas perguntas instigantes:

- O título do espetáculo é *O Homem Mais Séri*o do Mundo. Quem é a pessoa mais séria que vocês conhecem?

- O espetáculo é um monólogo interpretado pelo palhaço Tigrão. Vocês sabem o que é um monólogo? Vocês conhecem algum palhaço? O que faz um palhaço? Pode um palhaço ser um homem sério?

- Tigrão tem que defender uma tese muito séria sobre a evolução do homem e dos animais. Vocês sabem o que é uma tese?

- A tese diz que **todos** os animais podem voar e sonhar. Quais são os animais que podem voar? E por quê?

O educador pode utilizar a tirinha do personagem argentino Gaturro (em anexo) para instigar as crianças sobre as diferentes espécies de animais e a relação morfológica (forma do corpo) que estabelecem entre si. No que um ratinho se parece com um morcego? E a aranha pode ser prima de um polvo, por quê?

- Por fim, estimule as crianças a desenhar e colorir seus animais preferidos, num primeiro momento, para depois colocar asas em todos, porque o palhaço vai precisar desta ajuda para defender sua tese sobre a evolução das espécies. Os desenhos podem ser levados à apresentação para que façam parte da história contada. No caso de turmas numerosas, o mesmo desenho pode ser feito por duas ou mais crianças em modo cooperativo.

2ª etapa – Como se comportar durante uma apresentação teatral? Muito importante nesta etapa é falar com os alunos sobre como se portar

durante a apresentação de um espetáculo. A peça é ao vivo, não se pode ajustar o volume e nem é gravada como a televisão. Conversar em voz alta durante a encenação pode desconcentrar quem está em cena e o restante da plateia, mas responder aos estímulos oferecidos pelo palhaço é sempre bem-vindo. O clown age dentro do aqui e agora e, muitas vezes, o imprevisto pode ser um presente para o ator em cena. Converse com as crianças a respeito para que percebam essas características e as respeitem. Há momentos no espetáculo em que a participação do público é claramente requisitada pelo palhaço que, abertamente, pergunta: vocês podem me ajudar? Somente a experiência de assistir a um espetáculo de teatro dá a possibilidade de construir um espectador.

3ª etapa – Após a apresentação:

- O que acharam da história apresentada?
- Vocês já conheciam algum palhaço como o Tigrão?
- Vocês acham que ele conseguiu defender a sua tese de que todos os animais podem voar e sonhar? Em que momento(s) da apresentação ele demonstrou isso?
- É possível que exista um palhaço sério?

Neste momento, pode-se confeccionar o boneco de papel pardo (em anexo).

- Da mesma forma o texto *Cultura* de Arnaldo Antunes pode ser explorado, já que o autor o concebeu a partir do olhar da criança e sua compreensão sobre as coisas do mundo. O educador pode realizar uma atividade prévia à leitura do poema, incitando os alunos a definir, com suas próprias palavras, o que seriam determinados animais domesticados ou selvagens a partir, mais uma vez, da lógica apresentada pela tirinha de Gaturro. O vídeo com a canção pode ser acessado por este link:

http://www.youtube.com/watch?v=Aguu_QzCQy8

O texto do poema/ canção segue abaixo:

O girino é o peixinho do sapo
O silêncio é o começo do papo
O bigode é a antena do gato
O cavalo é pasto do carrapato
O cabrito é o cordeiro da cabra
O pescoço é a barriga da cobra
O leitão é um porquinho mais novo
A galinha é um pouquinho do ovo
O desejo é o começo do corpo
Engordar é a tarefa do porco
A cegonha é a girafa do ganso
O cachorro é um lobo mais manso
O escuro é a metade da zebra
As raízes são as veias da seiva
O camelo é um cavalo sem sede
Tartaruga por dentro é parede
O potrinho é o bezerro da égua
A batalha é o começo da trégua
Papagaio é um dragão miniatura
Bactérias num meio é cultura



Bibliografia:

- ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. Iluminuras, 1996.
- DZWONIK, Cristian. *Gaturro Nº11*. La Nación, 2012.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. Perspectiva, 2000. (disponível em pdf)
- KOUDELA, Ingrid. A ida ao teatro. (disponível em pdf)
- ROMERO, Andrea [et.al.]. *Payasos de hospital: lo terapéutico del clown*. Hormé, 2012.

Anexos:



PASSOS PARA CONFECCÃO DO BONECO DE PAPEL PARDO (KRAFT)

MATERIAL



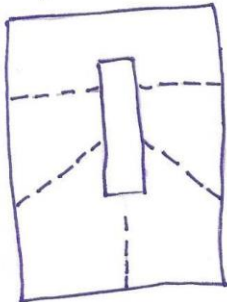
1º PASSO

AMASSE BEM O PAPEL, ATÉ A FORMA DE UMA BOLA, PARA DEIXÁ-LO MAIS MALEÁVEL.



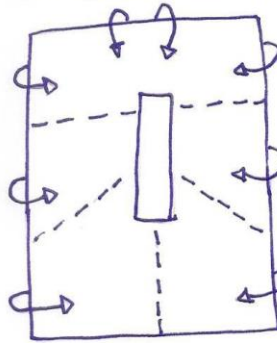
2º PASSO

CORTE-O NAS LINHAS MARCADAS, CUIDANDO PARA MANTER O ESPAÇO PARA O TRONCO E O PESCOÇO.



3º PASSO

ENROLE AS PERNAS, BRAÇOS E, POR ÚLTIMO, "AMASSE" A CABEÇA.



ATENÇÃO!!
TRABALHE O BONECO SOMENTE APÓS A APRESENTAÇÃO!

4º PASSO

PASSE A FITA PARA DEFINIR O PESCOÇO, OS COTOVELOS, OS JOELHOS E A CINTURA.



Boa diversão!!

